

LIBRAS I

AUTORA

Melânia de Melo Casarin



CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

LIBRAS I

AUTORA

Melânia de Melo Casarin

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria | RS
2019

©Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.
Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da
Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Ricardo Vélez Rodríguez

PRESIDENTE DA CAPES

Anderson Ribeiro Correia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

REITOR

Paulo Afonso Burmann

VICE-REITOR

Luciano Schuch

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO

Frank Leonardo Casado

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Martha Bohrer Adaime

COORDENADOR DE PLANEJAMENTO ACADÊMICO E DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Jerônimo Siqueira Tybusch

COORDENADOR DO CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO

Noeli Dutra Rossatto

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

COORDENADOR UAB

Reisoli Bender Filho

COORDENADOR ADJUNTO UAB

Paulo Roberto Colusso

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Melânia de Melo Casarin

REVISÃO LINGUÍSTICA

Camila Marchesan Cargnelutti

Maurício Sena

APOIO PEDAGÓGICO

Carmen Eloísa Berlote Brenner

Keila de Oliveira Urrutia

EQUIPE DE DESIGN

Carlo Pozzobon de Moraes – Ilustração/Diagramação

Juliana Facco Segalla – Diagramação

Matheus Tanuri Pascotini – Capa/Ilustração

Raquel Pivetta – Diagramação

PROJETO GRÁFICO

Ana Letícia Oliveira do Amaral



C3351 Casarin, Melânia de Melo
Libras I [recurso eletrônico] / Melânia de Melo Casarin. – Santa
Maria, RS : UFSM, NTE, 2019.
1 e-book : il.

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional
da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB
ISBN 978-85-8341-264-9

1. Linguística 2. Educação especial – Surdos 3. Libras
4. Língua brasileira de sinais I. Universidade Aberta do Brasil
II. Universidade Federal de Santa Maria. Núcleo de Tecnologia
III. Título.

CDU 806.90-095

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PROGRAD



APRESENTAÇÃO

Prezado Acadêmico!

A disciplina *Libras* visa inserir o aluno no campo conceitual da Língua Brasileira de Sinais - Libras, compreendendo seu contexto cultural, a evolução histórica e o fundamento desta Língua para as comunidades surdas brasileiras. Sendo disciplina específica do Curso de *Licenciatura em Ciências da Religião*, da UAB-UFSM, objetiva proporcionar aos acadêmicos fundamentos da Libras, buscando o estabelecimento da importância desta Língua para o desenvolvimento linguístico cognitivo e de identidade para as pessoas surdas.

Diante da emergência em se discutir a inclusão e todas as interfaces que dela se projetam no campo da educação dos surdos e da comunidade científica que deste tema trata (acreditamos que a maioria dos estudantes que ingressam no Curso de Ciências da Religião ainda desconhecem os elementos que compõem o processo de aprendizagem desta Língua), esta disciplina se torna importante de ser ofertada no primeiro semestre letivo, uma vez que procura ampliar os conhecimentos acerca das comunidades surdas.

A disciplina objetiva elucidar as Representações Históricas da Surdez, a identidade, e a cultura surda, e sobretudo, a Libras como língua materna dos surdos brasileiros. Neste caderno didático estão apresentados os conteúdos básicos para o desenvolvimento das atividades propostas. São apresentadas, também, a bibliografia referenciada, a qual serve para ampliação e aprofundamento dos estudos.

ENTENDA OS ÍCONES



ATENÇÃO: faz uma chamada ao leitor sobre um assunto, abordado no texto, que merece destaque pela relevância.



INTERATIVIDADE: aponta recursos disponíveis na internet (sites, vídeos, jogos, artigos, objetos de aprendizagem) que auxiliam na compreensão do conteúdo da disciplina.



SAIBA MAIS: traz sugestões de conhecimentos relacionados ao tema abordado, facilitando a aprendizagem do aluno.



TERMO DO GLOSSÁRIO: indica definição mais detalhada de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

SUMÁRIO

▷ APRESENTAÇÃO ·5

▷ UNIDADE 1 – UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A SURDEZ ·9

- Introdução 11
- 1.1 Mapeando os discursos sobre os deficientes ·12
- 1.2 Como eram vistos os surdos? ·16
- 1.3 Os surdos no Brasil ·22
- 1.4 A cultura surda ·27
- 1.5 Artefatos culturais surdos ·33
- 1.6 A educação dos surdos ·39
- Atividade – Unidade 1 ·45

▷ UNIDADE 2 – A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS ·46

- Introdução ·48
- 2.1 A aquisição da libras ·49
 - 2.1.1 Linguagem e Língua como elementos culturais ·49
- 2.2 Estágios da aquisição da libras ·49
 - 2.2.1 Período pré-linguístico ·55
 - 2.2.2 Estágio de um Sinal ·56
 - 2.2.3 Estágio das primeiras combinações ·57
 - 2.2.4 Estágio das múltiplas combinações ·58
- 2.3 Aquisição da língua por crianças surdas filhas de pais ouvintes ·59
- Atividade – Unidade 2 ·62

▷ UNIDADE 3 – APRENDENDO A LIBRAS ·63

- Introdução ·65
- 3.1 O que é um sinal ·66
- 3.2 Estrutura linguística da libras ·67
- 3.3 Léxico ou vocabulário de libras ·68
- 3.4 Ponto de articulação ·69
- 3.5 Movimento em libras ·70
- 3.6 Orientação/direcionalidade ·71
- 3.7 Expressão facial e/ou corporal ·72
- 3.8 Classificadores ·73
- 3.9 Alguns sinais básicos da libras ·76
 - 3.9.1 Alfabeto manual ·76

3.9.2	Objetos	·78
3.9.3	Verbos	·78
3.9.4	Calendário	·79
3.9.5	Família	·79
3.9.6	Cores	·80
3.9.7	Profissões	·80
3.9.8	Cidades do Rio Grande do Sul	·81
3.9.9	Estados Brasileiros	·81
3.9.10	Países	·82
3.9.11	Números	·82

Atividade – Unidade 3 ·83

▷ **Considerações Finais** ·84

▷ **Referências** ·85

▷ **Apresentação** ·88

1

UM OLHAR HISTÓRICO
SOBRE A SURDEZ

INTRODUÇÃO

Adentrar aos estudos da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como disciplina no Curso de Licenciatura em Ciências da Religião, prescinde de imediato, na Unidade 1, mapear os seus sujeitos surdos, seu universo, suas relações e suas representações ao longo dos tempos, objetivando iniciar os acadêmicos às representações culturais e históricas dos alunos surdos. Essa unidade propõe uma discussão sobre as representações históricas da surdez, detalhando aspectos filosóficos, sociais, educacionais e culturais que determinaram diferentes olhares sobre os surdos e a educação dessas pessoas. Esta unidade constitui as bases para a compreensão da surdez como um discurso produzido pelas representações culturais de sua época.

Neste sentido, o conceito de cultura se aproxima com campo político instituída nas relações políticas que circundam as comunidades surdas e os seus discursos – significa dizer, portanto, que as representações culturais sobre os surdos e dos surdos sobre o mundo exigem abordagens educacionais inerentes com a sua cultura, primando pela experiência visual. Este entendimento justifica a Unidade 1 deste caderno, quando propõe discutir a construção do conhecimento dos surdos sob a égide da diferença e não da deficiência e, acima de tudo, a partir da sua experiência visual, da língua de sinais, da subjetividade, da identidade e da cultura dos surdos.

1.1

MAPEANDO OS DISCURSOS SOBRE OS DEFICIENTES

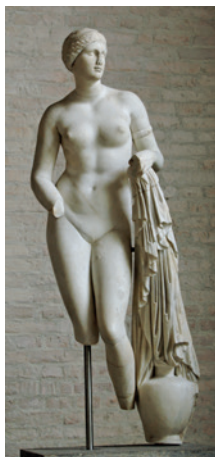
Ao nos propor a estudar sobre os surdos, sua cultura e sua educação suscitam-nos já de imediato algumas questões: o que sabemos da educação dos surdos? De sua língua, de sua cultura? Como os alunos surdos aprendem? Nesta unidade, procuraremos historicizar e problematizar os movimentos vividos na educação dos surdos no mundo e também no Brasil. Desde a antiguidade a humanidade tem discutido e se perguntado sobre como lidar com aquele considerado deficiente. Freitas colabora:

No decorrer da história pode-se verificar a existência de diferentes abordagens e concepções a respeito da educação especial, se apresentando diversos modelos de deficiência e diferentes representações sobre estas pessoas. Estes modelos não se limitam à educação, mas orientam todas as ações sociais em relação às pessoas com deficiência.

Em cada um destes períodos históricos, existiram diferentes representações, concepções e discursos sobre os deficientes e a educação especial. É importante que estejamos atentos a isso, para que possamos compreender o que cada sociedade oferece às pessoas com deficiência (FREITAS, 2008, p. 60).

As diferentes representações sobre os deficientes foram balizadas por crenças e imaginários distorcidos acerca das potencialidades destas pessoas. Podemos conhecer essas representações em momentos distintos da evolução humana em cada momento da história da humanidade, desde a Idade Antiga até os dias de hoje.

Figura 1 - Beleza do corpo manifestada na escultura grega no período clássico.



Fonte: Afrodite de Cnido. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escultura_da_Gr%C3%A9cia_Antiga#/media/File:Aphrodite_Braschi_Glyptothek_Munich_258.jpg

Para Freitas:

Na Antiguidade, principalmente na Grécia antiga, onde a perfeição do corpo era venerada, as reações diante das pessoas com deficiência eram de abandono, eliminação ou sacrifício. Em alguns lugares de Roma, podiam ser mortos ou submetidos a um processo de purificação para livrá-los de maus desígnios (FREITAS, 2008, p. 60).

O destino dos deficientes era, em muitas ocasiões, o abandono às margens do rio Tibre. Também as camadas mais pobres da sociedade ou até mesmo escravos lhes davam um teto em favor de que pedissem esmolas pelas ruas. É bem provável que as pessoas surdas também tivessem este destino neste período da história da humanidade.

Figura 2 - Os deficientes na maioria das vezes serviam como bobos para divertir a corte.



Fonte: The Court Jester (1847), Cesare-Auguste Detti. Disponível em: <https://algumascoisas13.blogspot.com/2017/08/quem-eram-os-bobos-da-corte.html>

No que se refere à Idade Média, podemos dizer que o crivo da religiosidade construiu todos os referenciais de homem; portanto, a imagem de Deus é fortemente marcada como a imposição filosófica e cultural da época. Isso implica dizer que as pessoas com deficiência deveriam ser escondidas da sociedade, uma vez que o homem deficiente feria o imaginário pleno e perfeito da figura divina. O atendimento aos deficientes era dado em asilos, conventos e igrejas. que as pessoas surdas também tivessem este destino neste período da história da humanidade.

A Idade Moderna é marcada pelas interrogações científicas – como entender as causas das deficiências, de onde surgem? Por que motivos ocorrem? A figura abaixo resgata um ideário de inabilidade social. A imagem a seguir retrata o filme **Selvagem de Aveiron**, que em sua narrativa fílmica evidencia o menino selvagem

que viveu na floresta por toda sua vida e as experiências exaustivas do médico Itard na busca por normalizá-lo à conduta social adequada à época.


 SAIBA MAIS: Jean Marc-Gaspard Itard, aluno de Philippe Pinel, que, no início do século XIX, dedicou-se à educação de Victor do Aveyron, o garoto selvagem, diagnosticando que o menino permanecia como um “selvagem” devido à privação da convivência social e postulando um tratamento para sua recuperação e educação.

Figura 3 - O menino Victor perdido na Floresta de Aveyron.



Fonte: NTE/UFMS.

No período posterior à Idade Média olhares antropocêntricos passam a nortear as representações do humano e novos movimentos em torno das relações do homem consigo e com a sociedade são valorizadas.

Com o advento da filosofia humanista na Idade Moderna, inicia-se a valorização do ser humano; O homem passa a ser entendido como um animal racional há o surgimento do método científico, iniciam-se estudos em torno das tipologias de deficiências, a concepção de deficiência passa a decorrer do modelo clínico, empregando-se, assim, um caráter patológico, com medicação e tratamento.

Motivados por esses ideários, algumas pessoas começaram a contribuir para o rompimento com as concepções que ligavam a deficiência ao misticismo. Assim, essa concepção passou a relacionar-se com o aspecto médico-pedagógico. Buscaram-se as causas das deficiências, incorporando a essas pesquisas um caráter científico. Nessa perspectiva, procurou-se normalizar as pessoas com deficiência (FREITAS, 2008, p. 62).

A contemporaneidade marca a história da humanidade com territórios destruídos, rompimentos de limites geográficos impostos como consequência das guerras que o planeta viveu. Esses movimentos alteram a lógica de percepção da pessoa com deficiência, porque neste momento a concepção que se buscava era da produtividade humana. Então o que fazer com aquele que fica fora da norma? Em primeiro lugar, apareceram as propostas baseadas no modelo médico/psicológico; posteriormente, surgiram as construções de propostas pedagógico-metodológicas.

1.2

COMO ERAM VISTOS OS SURDOS?

A história dos surdos vem sendo escrita sob diferentes aspectos, desde os primórdios da civilização; porém, vamos configurar nosso debate nesta disciplina a partir do século XVI. Citaremos algumas ações e estudiosos que marcaram os surdos no mundo, como o médico italiano Girolamo Cardano (1501-1576), que viveu Itália durante a Idade Média. Ele pensava que os surdos não precisavam falar para aprender.

Hessel, acerca deste tema nos recorda:

Juan Pablo Bonet (1579-1629), espanhol, publicou um livro sobre método de ensino aos surdos, o qual denominava-se "Reducción de las Letras y Arte para Enseñar a Hablar los mudos". Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), português, tinha fluência na Língua de Sinais, ensinando-a aos surdos, bem como o oralismo do qual era a favor. Samuel Heinicke (1727-1790), alemão, era contra a Língua de Sinais e a favor do método do oralismo. Fundou a primeira escola oral de surdos na Alemanha. Abbé Sicard (1742-1822), substituindo L'Épée, foi nomeado diretor no Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Jean Marc Itard (1774-1838), francês, médico-cirurgião, considerava os surdos doentes que precisavam ser curados, porém seu método não obteve sucesso. Thomas Gallaudet (1787-1851), americano, era a favor da Língua de Sinais, e se interessou pelos surdos e sua educação quando teve contato com uma menina surda, sua vizinha, Alice Cogswell. Então foi para França aprender com L'Épée na educação de surdos. No Instituto Nacional para Surdos-Mudos, foi instruído pelo professor surdo Laurent Clerc. Posteriormente, retornaram aos Estados Unidos, onde implantaram a primeira escola pública para surdos.

Roch Ambroise Auguste Bèbian (1789-1838), francês, criou uma forma de Escrita da Língua de Sinais, mas não obteve sucesso. Alexander Graham Bell (1847-1922), escocês, criador do telefone, casou-se com uma surda oralizada, sua mãe também era surda e seu pai ensinava o oralismo aos surdos Laurent Clerc (1785 - 1869), aprendeu Língua de Sinais na França, devido ao seu interesse pelo método utilizado no ensino da língua por L'Épée. Após, Clerc ministrou aulas de Língua de Sinais nos Estados Unidos Jean Massieu (1772-1845), francês, um renomado professor surdo que havia sido treinado por Abbé Sicard, dava aula de Língua de Sinais na França e foi seu sucessor no Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Logo mais, foi afastado do cargo por influência de Jean-Marc Itard. Charles-Michel de L'Épée (1712-1789), francês, dentre educadores mencionados,

merece grande destaque por ter sido o mais importante educador de surdos. Ensinou e apoiou os surdos, criou escola pública, Instituto Nacional para Surdos-Mudos em Paris, também criou como método de ensino, a gramática de Língua de Sinais, assim, chamado de Sinais Metódicos, sendo a maioria dos sinais com a primeira letra em francês, exemplo sinal DIEU (Deus), com primeira letra D. Não foi L'Épée quem inventou sinais, nem o alfabeto manual. Ambos já existiam há muitos anos, porém não há registro exato. O alfabeto manual era utilizado pelos monges com o objetivo de se comunicarem na Igreja, porque necessitavam ficar em silêncio. Porém, os surdos já se comunicavam através de gestos, mímica, etc. (HESSEL, 2005, p. 9-10).

No século XVIII, podemos citar a pessoa decisiva para o desenvolvimento da educação dos surdos daquele momento histórico: o **Abade de L'Épée**, já citado.



SAIBA MAIS: Charles Michel L'Épée- Professor de surdos, viveu em Paris, e, por volta de 1760, fundou a primeira escola pública para surdos: o Instituto Nacional de Jovens Surdos-Mudos de Paris.

Figura 4 - Charles- Michel de L'Épée (1712- 1789)



Fonte: NTE/UFMS.

Com a intenção de ensinar a língua francesa escrita, o Abade de L'Épée acreditou que, aprendendo os gestos, os surdos teriam êxito, assim como se aprende outra língua estrangeira. A escolha do método foi então feita por se considerar que a LS - língua de sinais seria a língua materna dos surdos. Mesmo sem entender que a língua de sinais consistia num sistema linguístico completo, criou sinais metódicos para estabelecer e facilitar a comunicação. Compreende-se por sinais metódicos a combinação da língua de sinais, com a gramática sinalizada francesa. Esse fato

teve muitas consequências na época, tanto que transformou sua casa em uma escola pública. L'Épée estudou a linguagem dos surdos e, com os sinais metódicos, ele conseguia estabelecer uma comunicação com os alunos. De 1771 a 1785, sua escola passou a atender 75 alunos.

Na Alemanha, no mesmo período, Samuel Heinick criou um método contrário, onde enfatizava o aprendizado da língua oral. Para Samuel Heinick esse era o único meio de integrar o surdo à sociedade. Todavia a comunidade científica percebia que os estudos e argumentos de L'Épée tinham relevância e, a partir desse momento, no século XVIII, muitas escolas foram criadas, e os surdos, então, tiveram a oportunidade de estudar e aprender uma profissão, ocupar cargos importantes, tornarem-se professores de surdos e participar da sociedade.

Já na América, Thomas Hopkim Gallaudet, nos Estados Unidos, a partir dos estudos do método gestualista de L'Épée, fundou, em 1817, uma escola permanente para surdos. Em 1864, foi criada a primeira Universidade Nacional destinada a surdos, nomeada de Universidade Gallaudet.

Figura 5 - Thomas Hopkim Gallaudet (1821-1851)



Fonte: NTE/UFMS.

Dentre as mudanças mais significativas no século XIX, podemos citar o evento chamado *Congresso Internacional de Educadores de Surdos*, ocorrido em 1880, na cidade de Milão na Itália. Foi um evento que marcou desastrosamente a vida dos surdos naquela época, pois foi vetada a participação dessa comunidade no evento e, a partir dele, as mudanças foram severas no que se refere à educação dos surdos. No evento, a metodologia oralista foi imposta, obrigando os alunos surdos a falar e, além disso, foi severamente proibido o uso da língua de sinais. Quanto ao ambiente escolar, as escolas de surdos foram fechadas e esses alunos tiveram que ser matriculados nas escolas de ouvintes. tornarem-se professores de surdos e participar da sociedade.

Já na América, Thomas Hopkim Gallaudet, nos Estados Unidos, a partir dos estudos do método gestualista de L'Épée, fundou, em 1817, uma escola permanente para surdos. Em 1864, foi criada a primeira Universidade Nacional destinada a surdos, nomeada de Universidade Gallaudet.

Figura 6 - Somente ouvintes falando



Fonte: NTE/UFMS.

O *Congresso de Milão*, como foi chamado mundialmente o evento, marcou a história dos surdos porque deu início à **Concepção Clínico-Terapêutica de Surdez**, pois, a partir deste momento iniciou-se um período obscuro na vida das comunidades surdas, principalmente pela privação da língua de sinais. Os resultados foram desastrosos, devido à dificuldade da concretização do aprendizado da língua oral. Os surdos foram excluídos, ficando à margem da sociedade.



SAIBA MAIS: Para ler mais sobre a concepção clínico-terapêutica de surdez, leia em: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sensível sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

A metodologia oralista provocou a instauração de um ideário distorcido dos surdos e de suas capacidades linguística, cognitiva e cultural, o que acarretou na marginalização das comunidades surdas da época.

Perlin colabora acerca do discurso da deficiência sob a égide das metodologias oralistas:

1. A questão do discurso da deficiência da audição e da fala nos métodos de educação, bem como o trabalho que eles propõem sobre a necessidade da cura faz-nos trazer o tema de imediato. Na história, o material grego menciona a deficiência física e a mesma já vem de uma ampla variedade de fontes. Entre os gregos havia diferenças, como por exemplo: entre o pobre portador de paralisia cerebral e a menina aleijada de uma família rica residente em Athenas. Contudo, até nessa diferente distinção havia diferenças sutis.

2. Na verdade, estes termos sobre a deficiência, expostos, mostrando que as diferenças não são significativas não abreviam o aspecto crucial que atesta a existência de múltiplos termos. Um dos termos mais antigos falava do sujeito como ferido, com problemas físicos há outros como deficiente físico, menos valia social, inválido, deficiente, incapacitado.

3. As consequências concernentes de pertencer a uma categoria de pessoas deficientes são muitas. É importante notar, que as pessoas com problemas físicos não são indicadas para a função de práticas sociais. Poderia ser que as pessoas com problemas físicos tão graves que as impedissem de realizar qualquer tipo de trabalho seriam mais bem classificadas oficialmente como “incapazes”.

4. No geral, vemos pessoas de uma ampla variedade de deficientes físicos participando de uma ampla variedade de funções sociais, econômicas e militares.

5. O modelo médico de cura da incapacidade é recente. Entre os surdos a cura da surdez requer anos de frequência às clínicas daí porque se apresenta como depredadora cultural.

6. Colocar os surdos entre os deficientes é atentar contra sua cultura. Estudos realizados por pesquisadores como Skliar, Quadros, e outros, atestam que os surdos, sob a perspectiva da diferença cultural rejeitam a deficiência e se impõem como diferença (PERLIN, 2015, p. 15).

Figura 7 - Imagem do ouvido que não ouve. Evidência da falta.



Fonte: NTE/UFMS.

As manifestações culturais vividas no século XX oportunizam-nos pensar nas comunidades surdas sob outra égide, não mais balizadas pela doença, pela falta, pela reeducação, ou pela normalização para aproximar-se o mais possível da norma ouvinte. Com relação a este tema instituiu-se um novo perfil com relação ao surdo, o qual Skliar (1997, p. 85) afirma ser: “una visión del sordo como ser sociolingüístico diferente que lleva a una nueva concepción filosófica y que, obviamente, deriva en pensar alternativas pedagógicas distintas”.

1.3

OS SURDOS NO BRASIL

A Educação Especializada começou no Brasil Colônia com a educação do “deficiente físico” no século XVII. Naquela época, eram considerados “deficientes físicos” aqueles que possuíssem qualquer tipo de “deficiência”, inclusive a surdez (JANNUZZI, 1992, p. 16).

Apenas na segunda metade do século XIX, com intenção de normalizar as diferenças, é que iniciaram as ações na área de Educação Especial no Brasil. “Tais ações surgiram com o Imperial Instituto de Meninos Cegos (denominado atualmente de Instituto Benjamin Constanten– IBC e o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES)”.

Em 1855, veio para o Rio de Janeiro o surdo francês Eduard Huet, o qual, com o apoio de Dom Pedro II, organizou a abertura do Instituto de Surdos. Assim, nasceu o Imperial Instituto de Surdos Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos) no dia 26 de setembro de 1857. Ensinou alunos surdos através da Língua de Sinais Francesa, mesclando-a com Língua de Sinais usada pelos surdos brasileiros (MOURA, 2000 apud HESSEL, 2005, p. 14).

O Instituto Nacional de Educação de Surdos, fundado através da Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, teve como principal responsável Ernest Huet, francês com surdez congênita, que veio ao Brasil com o objetivo de fundar uma casa de abrigo e ensino para surdos. Dentre as atividades desenvolvidas nesse instituto, podemos destacar, ainda na década de 1850, a realização do primeiro Curso de Formação de Professores para Recuperação de Deficientes da Audição e da Linguagem Falada, considerado uma das bases para a busca da formação em Educação Especial no Brasil. Além disso, a linguagem sinalizada, atualmente denominada de Língua Brasileira de Sinais (Libras), teve sua gênese e seu desenvolvimento ligados ao projeto pedagógico do instituto a partir da década de 80 (INES, 1997). Além do INES, podemos citar a criação de outras instituições e alguns movimentos vividos em prol da educação dos surdos para defender seus direitos a uma educação justa e de qualidade.

Para Klein, a educação de surdos pode assim ser caracterizada:

Nesses espaços eles procuram se encontrar para compartilhar da língua e de experiências as mais variadas. Suas atividades, na grande maioria, voltam-se ao lazer e ao esporte, havendo em algumas associações, mobilizações mais políticas, como a oficialização da Língua de Sinais e a garantia da presença de intérpretes em situações diversas (KLEIN, 2005, p. 22).

Muitas instituições existiram até 1995, quando houve a criação da **Federação Nacional de Educação e Inclusão dos Surdos – FENEIS**,



INTERATIVIDADE: Para ler sobre as ações da FENEIS, acesse:
[http:// www.feneis.com.br/](http://www.feneis.com.br/)

Para conhecer a primeira de escola de surdos no Brasil, acesse:
www.ines.gov.br

Hessel apresenta o histórico da instituição:

Com o objetivo de fundar uma organização nacional que atendesse as necessidades de pessoas surdas do país, em 1977 fundou-se a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (Feneida), mas esta era composta apenas por ouvintes. Sendo assim, em 1983 a Comunidade Surda criou uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, um grupo que buscava a participação nas decisões da diretoria. Devido a confiança, a omissão começou a fazer parte a presidência da Feneida e em 16 de maio de 1987. O estatuto da instituição foi reestruturado passando a ser Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), incentivada pela Coordenadoria Nacional para a Integração de Pessoas Portadoras de Deficiência (CORDE), do Ministério da Justiça. A instituição iniciou a realização de convênios para a inserção de surdos no mercado de trabalho. Hoje em vinte anos de existência, a Feneis como entidade filantrópica, de cunho civil e sem fins lucrativos trabalha para representar as pessoas surdas atendendo também familiares, instituições, organizações governamentais e não governamentais, professores, fonoaudiólogos e profissionais da área. Atualmente, possui 136 entidades filiadas sempre trabalhando para garantir os direitos culturais, sociais e linguísticos da comunidade surda mundial. A Feneis apresenta a proposta de filiação às instituições interessadas, não tem fins econômicos nem lucrativos, tem como proposta congregar e coordenar as associações de surdos de país e amigos de surdos ou deficientes auditivos, da audio-comunicação, clínicas, institutos, escolas especializadas. Possui escritórios regionais, a fim de expandir suas atividades, alguns localizados em: Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre, Distrito Federal, Curitiba, Recife, Manaus e última cidade de Teófilo Otoni, que fica em Minas Gerais. Este estado Minas Gerais, é o único estado até hoje que tem duas entidades FENEIS. A maioria nos estados tem uma única entidade. A matriz FENEIS localiza-se em Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, a Feneis foi fundada no dia 12 de maio de 1995 (HESSEL, 2005, p. 11).

Figura 8 - Associação de surdos.



Fonte: NTE (2019).

Figura 9 - Fachada do prédio do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES



Fonte: INES. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/>

Dentre os movimentos vividos no Brasil, podemos citar mobilizações em torno de uma educação de qualidade condizente com a cultura surda e as condições de aprendizagem dos alunos surdos, defesa da escola bilíngue e a oficialização da libras como Língua oficial no país, assim como a profissionalização do intérprete. Hessel enfatiza:

No Brasil, existem poucas escolas de surdos que usam Pedagogia da diferença ou Educação de Surdos. No caso das escolas inclusivas, faz-se necessário a existência da LIBRAS em sala de aula, bem como um espaço para os surdos, porém nesses espaços as pessoas pouco aprofundam os temas identidade, cultura, etc. Segundo o documento elaborado a partir da união da comunidade surda pela luta por uma melhor educação, no ano de 1999, intitulado "A Educação que nós surdos queremos", mostrou vários tópicos importantes relativos à educação de surdos, dentre eles: "propor o fim da política de inclusão-integração escolar, pois ela trata o surdo como deficiente e, por outro lado, leva ao fechamento de escolas de surdos e/ou ao abandono do processo educacional pelo aluno surdo". Embora existam poucos registros, houve, na década de 20, a abertura de várias escolas de surdos em Porto Alegre e cidades do interior do Rio Grande do Sul. Atualmente a maioria das escolas de surdos do Rio Grande do Sul usa a Língua de Sinais. Todas as escolas de surdos têm alguns professores surdos dando aula. Isso é muito mais importante, pois traz o modelo surdo-surdo. Mas maioria são professores ouvintes e poucos sabem LIBRAS, infelizmente isto prejudica ensino aos alunos surdos que acaba sendo um ensino fraco. Isso dificulta para que os surdos alcancem o estudo futuramente em universidade, por exemplo. Atualmente já existem alguns surdos doutores e mestres, na UFRGS e UFSC outros estudando mestrado e doutorado na UFSC. A maioria escolhe o tema de suas pesquisas sobre educação de surdos, o que também é um começo na área da Lingüística, isto mostra a importância sobre surdos como humanos, não doentes ou deficientes (HESSEL, 2015, p. 14).

Figura 10 - Manifestação dos surdos por uma escola de qualidade.



Fonte: NTE/UFMS.

Foram muitos os movimentos vividos em prol da qualidade na educação dos surdos até hoje no Brasil. Essas manifestações surgem em decorrência de uma marca de poder instituída nas relações que entre ouvintes e surdos.

1.4

A CULTURA SURDA

Percebe a noção de comunidade surda compreendendo o mundo visual, não mais balizado pela audição, do uso da fala e de um mundo de reabilitação voltado para o modelo ouvinte, entendido como normal e saudável. Sabemos que estas são narrativas **ouvintistas** pelas quais os surdos tiveram que passar por séculos e foram sob este olhar enquadrados como doentes.



TERMO DO GLOSSÁRIO: Ouvintismo - conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte

A experiência visual mediada pela língua possibilita a pessoa surda viver e compreender o mundo de uma forma diferente daquela vivida pelos ouvintes. O que importa neste momento é afirmar que a surdez não é uma marca da negação do que falta, do imperfeito, do incompleto da doença, daquele que precisa ser reabilitado. A centralidade da questão não está no ouvido que não houve, mas na construção de um mundo a partir do visual no uso efetivo da Libras.

Figura 11 - Imagem de pessoas surdas sinalizando



Fonte: NTE/UFMS.

Como já estudamos, há um movimento gradual de reconhecimento da surdez como diferença cultural, em contraponto à concepção clínico-terapêutica, que a nomeava como deficiência. A diferença cultural está centrada no uso de uma língua sinalizada e na cultura surda, estes pressupostos possibilitam pensar e criar uma nova invenção da surdez. Trata-se da invenção cultural da surdez, a partir da

construção de uma identidade surda.

Neste sentido, Skliar enfatiza:

Caracterizar aos surdos como sujeitos visuais, ou como sujeitos que vivem uma experiência visual, não supõe biologizá-los por outros meios, através de outros sentidos naturais. (...) Não é o caso, então, que os surdos substituam naturalmente a falta ou limitação da audição com a presença hierárquica da visão. Desse modo, se estaria impondo, uma vez mais, uma estratégia de naturalização. Representar aos surdos como sujeitos visuais, num sentido ontológico, permite reinterpretar suas tradições comunitárias como construções históricas, culturais, linguísticas e não simplesmente como um efeito de supostos mecanismos de compensação biológicos e/ou cognitivos (SKLIAR, 1999, p. 24).

Os processos de construção da inteligência humana, cognitivos, linguísticos, éticos, artísticos e intelectuais do surdo são possibilitados a partir do uso efetivo da língua de sinais, constituindo-se, assim, como um elemento identificatório entre estas pessoas. Ao compartilharem uma língua comum, os surdos passam a se reconhecer como membros pertencentes à comunidade.

Para Stumpf,

a resignificação da surdez, como representação de uma diferença cultural, possibilita ao sujeito o sentimento profundo de pertencimento e o leva a inserir-se no social, fazendo parte de um grupo naturalmente definido de pessoas, de práticas e instituições sociais (STUMPF, 2004, p. 87).

Conforme a concepção de Miranda, é preciso:

ter em conta a representação das diferenças culturais, históricas e de identidade. As representações de diferença que se engendram no seio da comunidade surda encontram raízes na experiência visual, a partir da língua, das estratégias de interação sócio-cultural e das representações de mundo surdo e de mundo ouvinte (MIRANDA, 2001, p. 22).

De acordo com Owen Wrigley (1996, p. 3), “o mundo visual percebe e produz a significação através de canais visuais de uma linguística espacial. Não é um mundo necessariamente melhor ou pior, apenas distinto e diferente.” Lunardi afirma:

As identidades adquirem sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. Analisando, então, que a linguagem é um fenômeno heterogêneo e dinâmico, é importante a compreensão de que a linguagem é a alteridade e, portanto, não existe a homogeneidade, como não

existe em nenhum aspecto da realidade humana (LUNARDI, 2005, p. 29).

As comunidades surdas vivenciam valores culturais, hábitos e modos de socialização, vivenciados em uma comunidade linguística diferente e específica. Os surdos confirmam em seus modos de vida uma cultura própria. Perlin complementa:

A cultura surda é então a diferença que contém a prática social dos surdos e que comunica um significado. (...) o jeito de usar sinais, o jeito de ensinar e de transmitir cultura, a nostalgia por algo que é dos surdos, o carinho para com os achados surdos do passado, o jeito de discutir a política, a pedagogia, etc. (PERLIN, 2004, p. 77).

Silva (2000), estudioso deste tema, amplia a noção de cultura, afirmando que ela não é somente o legado de nossos antepassados. Cultura, nesse contexto, é aquilo pelo qual se luta.

Segundo Silva:

a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estrita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e demarcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

Perlin (apud SKLIAR, 1998) enfatiza a pluralidade identitária do sujeito surdo. Sob esta ótica a pessoa surda possui uma identidade móvel, descentrada, vivida e construída nas minúsculas cenas de seu cotidiano, na efetiva interação com seus pares surdos. É muito importante saber que as pessoas surdas vivenciam uma cultura diferente efetivada no uso da Libras.

Stumpf colabora:

a resignificação da surdez, como representação de uma diferença cultural, possibilita ao sujeito o sentimento profundo de pertencimento e o leva a inserir-se no social, fazendo parte de um grupo naturalmente definido de pessoas, de práticas e instituições sociais (STUMPF, 2004, p. 87).

Perlin e Miranda explicam o que é ser surdo:

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do interprete, de tecnologia de leitura (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

Elementos particulares e singulares efetivam esta diferença linguística, identitária e política construída no seio das famílias, centros, associações e escolas de surdos. Miranda (2001, p. 20) afirma que “a comunidade surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços geográficos, no sentido de não nascerem dentro desses, mas em espaços possibilitados ou conquistados para que ocorra, intencionalmente ou não, a organização e a produção surda”.

Sobre essa questão, Hessel explica:

A Associação de surdos é uma segunda casa, onde surdos se encontram, conversam, discutem seus direitos, promovem entrosamento, fazem trocas culturais e de experiências, contam piadas e várias outras histórias, sendo um local muito importante para o encontro com seus pares. Entre 1951 a 1962, fundaram-se várias associações de surdos no Brasil, como pioneira, a associação de surdos em Rio de Janeiro - RJ, graças à influência da comunidade surda argentina. Surgiu primeiro a associação chamada Associação Alvorada, fundada por uma professora de surdos. Dona Ivete Vasconcelos, ouvinte, ano 1951. Isto causou o movimento de esportes dos surdos no Brasil. Surgiram os primeiros jogos para Associação do Brasil no INES, Rio de Janeiro - RJ em 1957. Atualmente, há a continuação do esporte dos surdos como resistência da comunidade surda, exemplo uso da Língua de Sinais, contato com outros surdos como mesma identidade, cultura surda, etc. Em 1924, iniciou a Federação do Comitê Internacional de Esporte para Surdos, ligado ao Comitê Olímpico Internacional em Paris do qual foi presidente o surdo francês. Eugénme Rubens-Alcais. A partir daí, conteceram vinte jogos de verão, os jogos iniciais em, Paris com 145 atletas surdos. Finalmente no Brasil, em 1959, fundou-se a Federação Desportiva de Surdos do estado do Rio de Janeiro. Seu primeiro presidente foi o surdo capixaba Sentil Delltorre, que lá atuou por 20 anos. A Fundação da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) foi em 17 de novembro de 1984. É

filiada ao Comitê Internacional de Esportes para Surdos (Comitê Internacional des Sports des Sourds) (CISS). Houve um ultimo grande esporte dos surdos aqui no Rio Grande do Sul que é a 1ª Olimpíada de Surdos do Brasil em Passo Fundo - RS, no ano de 2002. A segunda associação brasileira fundada é a Associação de Surdos de São Paulo, no ano de 1954, e a terceira é a Associação de Surdos de Belo Horizonte - MG no ano de 1956. Até hoje, em Porto Alegre, há a Associação de Surdos, fundada em 14 de abril de 1962, chamada Sociedade dos Surdos de Rio Grande do Sul. Há também uma Colônia de Férias dos Surdos da Capão da Canoa - SSRS que foi fundada no dia 24 de janeiro de 1967. É a única Associação de Surdos no Brasil que tem a sede de Colônia de Férias dos Surdos. No verão, os surdos vão para Capão da Canoa, é a resistência quente da Comunidade Surda. Nesse período, os surdos fundaram associações brasileiras de surdos e isso se deu devido a oralização radical na maioria das escolas de surdos. Porém, eles necessitam de um local onde resistisse a Comunidade Surda, Língua de Sinais, etc. e é aí que se dá o marco na trajetória das associações dos surdos. Atualmente, há cerca de 80 Associações de Surdos (segundo a FENEIS) (HESSEL, 2006, p. 10).

E muito comum, neste sentido, observar que as pessoas surdas tendem a casar-se com surdos, os familiares aprendem a Libras e a usam nas trocas familiares quando a pessoa surda se faz presente nos eventos familiares e sociais. Há campeonatos de esportes entre pessoas surdas. Como podemos citar também o fato de cada pessoa no contexto dos surdos e de ouvintes que interagem com surdos terem um sinal que lhes representa – chamado batismo pessoal. O **batismo pessoal** é usado na cultura surda para dar em Língua de sinais uma representação a cada pessoa, isto é, as pessoas surdas elegem um sinal para os amigos e familiares, sejam elas surdas ou não.



INTERATIVIDADE:

Para aprender sobre BATISMO PESSOAL e acompanhar a aula, acesse o Programa 1 do LIBRAS TRI : <http://www.youtube.com/watch?v=Zuv2rDLXAfo>

Para assistir sobre Cultura Surda, acesse o Programa 3 do Libras TRI: <http://www.youtube.com/watch?v=Ksv2MAyLwRE>

Para assistir sobre Entrevista sobre Esportes de Surdos, acesse o Programa 4 do Libras TRI: <http://www.youtube.com/watch?v=6wL7fuDPLMo>

Para assistir sobre Entrevista sobre humor surdo, acesse o Programa 4 do Libras TRI: <http://www.youtube.com/watch?v=f-t8B7uaxWfg>

Skliar e Quadros explicam:

A experiência é visual desde o ponto de vista físico (os encontros, as festas, as estórias, as casas, os equipamentos...) até o ponto de vista mental (a língua, os sonhos, os pensamentos, as ideias...). Como consequência é possível dizer que a cultura é visual. As produções linguísticas, artísticas, científicas e as relações sociais são visuais (SKLIAR, QUADROS, 2000, p. 49).

Sobre esse tema, Lane acrescenta:

(...) sobre o que é mais importante para surdos como marca da cultura dos surdos: a) a sua dignidade, ou seja, não aceitar o que os médicos dizem "que são deficientes"; isto não é próprio da cultura; b) sua linguagem: os educadores não respeitam, só reprimem a própria língua da cultura dos surdos; c) sua história surda: os ouvintes roubam a história própria dos surdos e dentro no currículo nunca ensinam a história própria dos surdos; d) sua organização social e costumes: A maioria dos profissionais da medicina falam mal dos costumes dos surdos, dizendo que são bobagens e têm menor nível do que os costumes dos ouvintes, mas isso não é verdade; e) sua agenda política: os ouvintes continuam diminuindo ou abaixando o poder dos líderes surdos, não respeitam as opiniões dos surdos e até "empurram" os surdos para trás em suas conquistas, às vezes (LANE, 1992, p. 40).

A cultura se dá num espaço de luta, de manifestação política de valores criados e gestados no âmago do grupo que se identifica e se legitima no uso comum de uma língua visual negada por séculos. Essa identidade é valorizada como um substrato cultural possível de construção identitária, uma marca surda, uma marca efetiva da cultura surda.

1.5

ARTEFATOS CULTURAIS SURDOS

Segundo Strobel (2008), podemos apontar alguns artefatos que promovem a construção do conhecimento, e a inclusão e acesso à cultura pelos surdos. Sobre artefatos culturais na perspectiva das comunidades surdas, Strobel afirma:

A maioria dos sujeitos estão habituados a apelidar de “artefatos” os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, de fato, não são só formas individuais de cultura materiais, ou produtos definidos da mão-de-obra humana; também pode incluir “tudo que se vê ou sente” quando está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outras, tradições, valores e normas, etc. (STROBEL, 2008, p. 37).

Numa perspectiva mais ampla poderíamos dizer que somos todos sujeitos culturais, pois em nosso cotidiano ampliamos nossa cultura, interagimos com nosso universo cultural, construímos e transformamos nosso acervo cultural; portanto, somos seres balizados e submersos num magma de representações e valores culturais.

Para as comunidades surdas, podemos dizer que muitos artefatos culturais que os representam e externalizam sua cultura são artefatos que consolidam e enunciam uma cultura da diferença política dos surdos. Strobel (2008) propõe pensarmos na existência de 8 artefatos: experiência visual; linguístico; familiar; literatura surda; vida social e esportiva; artes visuais; política; materiais.

O conjunto de artefatos que Strobel define são elementos que legitimam a cultura surda. A escrita da língua de sinais chamada de SignWriting (SW) pode ser um exemplo citado aqui.

Hessel contribui contando sobre este artefato:

A Escrita de Língua de Sinais (ELS) representa, para o surdo, uma habilidade que pode servir de instrumento para o desenvolvimento de sua cultura. Da mesma forma, o sistema Sign Writing (SW), que tem como base a Língua de Sinais. Porém, poucas escolas até hoje inseriram em seus currículos a Escrita de Língua de Sinais Segundo o site (www.signwriting.org), essa língua se originou no ano de 1974 com a bailarina Valerie Sutton que criou um sistema para escrever danças (Dancewriting). Esse fato despertou a curiosidade de pesquisadores dinamarqueses em Língua de Sinais que queriam uma forma de escrita nessa língua. Surgiu, então, um sistema de ELS na Universidade de Copenhaga, sendo pedido a Valerie que registrasse os sinais gravados em vídeo cassete. Assim foi criada a SW (Escrita de Língua de Sinais), tendo suas primeiras formas inspiradas na Dancewriting. Após,

em 1977, foi organizado o primeiro workshop sobre SW pela Sociedade de Linguística de New England nos Estados Unidos, no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Ainda nesse ano, o primeiro grupo de surdos adultos a aprender a SW foi um grupo do Teatro Nacional de Surdos em Connecticut. Em 1979, Valerie Sutton trabalhou com uma equipe do Instituto Técnico Nacional para Surdos em Rochester, prestando assistência na elaboração de uma série de livretos chamados *The Technical Signs Manual* que usaram ilustrações em SW. Na década de 1980, Valerie Sutton apresentou um trabalho no Simpósio Nacional em Pesquisa e Ensino da Língua de Sinais intitulado: Uma forma de analisar a Língua de Sinais Americana e qualquer outra língua de sinais sem passar pela tradução da língua falada. E assim a SW foi se desenvolvendo. De um sistema escrito à mão livre, passou a um sistema possível de ser escrito no computador. O primeiro jornal foi escrito à mão nos anos 80, assim como os monges escreviam antes da existência da imprensa. Atualmente, dispomos de uma homepage em que vários artigos são publicados quase que semanalmente. Hoje em dia, o sistema de escrita de sinais não tem mais a mesma forma que o sistema criado em 1974. O sistema evoluiu muito ao longo dos anos. A evolução da SW apresenta características da evolução da escrita de certa maneira. Devido ao fato da escrita dos sinais se diferenciar de pessoa para pessoa, a escrita passou a ser padronizada ao longo do tempo com a invenção da, da imprensa, que foi o meio pelo qual a escrita foi difundida rapidamente. Atualmente, alguns países usam ELS na educação de surdos. No Brasil, aqui no Rio Grande do Sul, começou a se pesquisar a ELS há aproximadamente 10 anos na cidade de Porto Alegre. Então, ela passou a se difundir em algumas cidades, como Caxias do Sul, Santa Maria, Santa Rosa e Pelotas. Em Santa Maria - RS, existe a Escola Estadual Reinaldo Fernando Coser que trabalha com a ELS em sala de aula. Já existem livros publicados de literatura infantil, como a *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda* (SILVEIRA, ROSA, KARNOPP, 2003), que possuem ELS e Língua Portuguesa (HESSEL, 2005, p. 13).

Além do **SignWriting (SW)**, artefatos livros de literatura surda também são exemplos que podemos citar como artefatos culturais surdos. No Brasil, alguns livros foram publicados voltados para as comunidades surdas. Esses materiais foram disponibilizados em diferentes formas, fitas VHS, CD-ROM, DVDs, livros impressos e livros Digitais, como e-books.



INTERATIVIDADE: Para conhecer a autora do SignWriting, Valerie Sutton, acesse o site: [http:// www.gebaerdens.chrift.de/images/ valerie_mime_1985.jpg](http://www.gebaerdens.chrift.de/images/valerie_mime_1985.jpg)

Figura 12 - A Lenda da Erva Mate com representação gráfica da Libras.



Fonte: Projeto Mãos Livres/CE/UFSM.

Figura 13 - Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) em Libras.



Fonte: Autora.

Figura 14 - Coleção Mamíferos Brasileiros em Extinção com versão em Libras em DVD.



Fonte: Projeto Mãos Livres/CE/UFSM. Editora UFSM (2017).

Figura 15 - Site Projeto Mãos Livres UFSM.



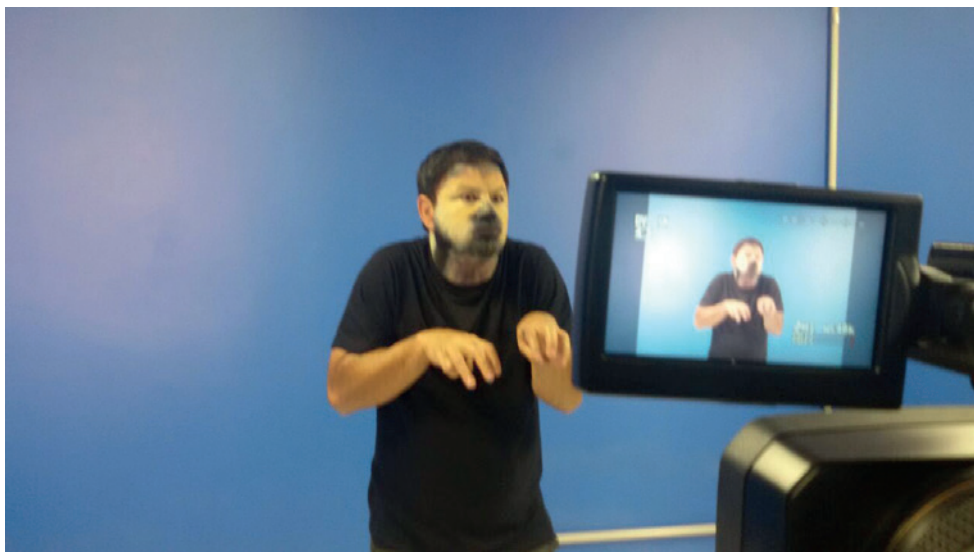
Fonte: Projeto Mãos Livres/CE/UFSM. Disponível em: <http://projetoaoslivres.ufsm.br/>

Figura 16 - Ator surdo em jogo teatral.



Fonte: Projeto Mãos Livres/CE/UFSM.

Figura 17 - Ator surdo em encenação de história infantil.



Fonte: Projeto Mãos Livres/CE/UFSM.

Figura 18 - Intérprete de Libras no Projeto Mãos Livres/UFSM.



Fonte: Projeto Mãos Livres/CE/UFSM.



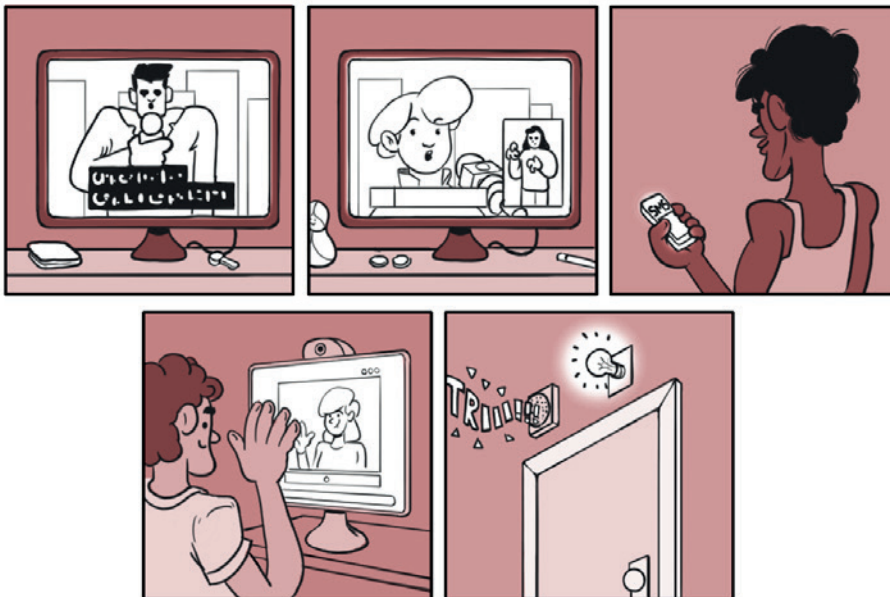
INTERATIVIDADE: Acesse <http://projetomaoslivres.ufsm.br/>

Figura 19 - Programa Curta Libras Centro de Educação e TV CAMPUS



Fonte: Programa Curta Libras Centro de Educação e TV CAMPUS.

Figura 20 - Uso de artefatos como o sistema Closed Caption, mensagem de celular, TV com a legenda na Língua Portuguesa, Sistema Skype de comunicação síncrona e lâmpada para avisar que bateu para o recreio na escola



Fonte: NTE/UFSM.

1.6

A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Após longos séculos de metodologias oralistas que postulavam o esquadrinhamento do corpo surdo, afim de aproximá-lo do modelo ouvinte, mudanças significativas ocorreram no final do século XX.

Diante do fracasso vivido pelos acadêmicos surdos pesquisadores no mundo, todos se interrogavam enfatizando as condições cognitivas favoráveis para o desempenho efetivo das comunidades surdas e quais seriam as teorias de aprendizagem condizentes com as diferenças linguísticas dos surdos. Esses discursos contemplaram e provocaram outros estudos e outros olhares acerca dos alunos surdos, valorizando a língua de sinais, problematizando quais são realmente as dificuldades dos surdos. Teriam eles realmente dificuldade para aprender? Ou seria uma questão de apropriação linguística desde tenra idade, e a valorização da língua de sinais no contexto escolar?

Sobre essa discussão, Skliar afirma:

O que fracassou na educação dos surdos foram às representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são seus direitos linguísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo (SKLIAR, 1998, p. 21).

Na década de 1990, nos Estados Unidos da América, a mãe de uma menina surda propõe um novo método de comunicação com os surdos. Este método possibilitava o uso de todos os meios de Comunicação, chamado de Comunicação Total.

Para Dorziat:

Os adeptos da comunicação total consideravam a língua oral um código imprescindível para que se pudesse incorporar a vida social e cultural, receber informações, intensificar relações sociais e ampliar o conhecimento geral de mundo, mesmo admitindo as dificuldades de aquisição, pelos surdos, dessa língua (DORZIAT, 2005, p. 3).

Mas ainda não tínhamos instituído um olhar que valorizasse as condições reais da capacidade cognitiva dos surdos a partir da aquisição, domínio e uso da língua de sinais. No uso da fala, estava um status linguístico impróprio aos surdos e, além disso, recomendava-se a comunicação por meio da língua oral e da Libras. Isso provocava uma confusão linguística que repercutia diretamente no desempenho linguístico, de identidade e de desempenho acadêmico aos alunos surdos. Este é o método no qual é necessário falar e sinalizar ao mesmo tempo, por exemplo:

pronuncia-se EU VOI PARA CASA e sinaliza-se EU VOI CASA (o que chamamos de bimodalismo) (HESSEL, 2015, p. 11).

Hoje somos conhecedores de que a língua de sinais é a língua dos surdos, sua língua materna, que lhe é capaz de prover toda e qualquer condição para seu desenvolvimento integral. Sabemos que a aquisição e o uso efetivo da língua de sinais desde cedo é um direito dos surdos e não uma concessão outorgada pelos ouvintes. No Brasil, a língua dos surdos é chamada de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Sob esta ótica, as abordagens educativas pensadas e voltadas para as comunidades surdas devem ir além das questões médicas e de reabilitação. Para Perlin:

A cultura surda como diferença se constitui como uma atividade criadora, símbolos de práticas jamais aproximados na cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual e não auditiva (PERLIN, 1998, p. 56).

Esse novo olhar propõe pensar no conceito de cultura surda, esculpida a partir da Concepção Sócio-Antropológica de Surdez. Neste sentido, Perlin afirma:

Conhece-se e compreende-se a cultura surda como uma questão de diferença, um espaço que exige posições que dão uma visão do entre lugar, da diferença, da alteridade, da identidade. Percebe-se que o sujeito surdo está descentrado de uma cultura e possui outra cultura (PERLIN, 2004, p. 76).

Pensar sob essa ótica possibilita entender as comunidades surdas, sua diferença, política, identidade, sua escola e sua forma particular de aprender. As construções mentais na pessoa surda se dão pela interação espaço-manual-visual, mediadas pela língua de sinais. Essa racionalidade alterou o olhar sobre a surdez e dos surdos, ocasionando na educação dos surdos a criação de novos métodos de trabalho, em que se aponta a Educação Bilíngue.

A educação bilíngue impõe uma riqueza de trocas entre as pessoas surdas porque promove o papel do surdo adulto dominante em libras como um agente fomentador de cultura e de aquisição da Libras. Esta é uma construção de muito significado para a educação dos surdos no século XX. Hessel afirma:

Nos anos 90, o Bilingüismo teve início na educação de surdos, caracterizado pelo aprendizado de duas línguas: LIBRAS e a Língua Portuguesa. A educação bilíngüe consiste, em primeiro lugar, na aquisição da Língua de Sinais pelos surdos, sendo esta sua língua materna. Em seguida, lhe é ensinada a Língua Portuguesa como uma língua estrangeira, sua segunda língua. Atualmente, predomina a Pedagogia Surda ou Educação de Surdos ou Estudos Surdos (Quando falo Estudos Surdos quero dizer o que Skliar (1998, p.5) denominou uma nova "territorialidade educacional".) ria com seu aluno surdo. Porém, quando o professor também é surdo, além da mesma comunicação,

ambos possuem a mesma identidade, o que contribui para uma harmonia ainda melhor entre professor-aluno. A sala de aula passa a ser um lugar de ricas trocas de conhecimentos entre ambos, as quais ocorrem de forma natural, além de o aluno encontrar na figura do professor um modelo de adulto surdo. A presença do professor surdo em sala de aula recebe ainda maior importância quando, muitas vezes, em suas casas, os alunos surdos não possuem uma boa comunicação com sua família devido à barreira da língua. O professor surdo, além de um líder para o aluno surdo, representa uma perspectiva para o seu próprio futuro. A introdução da Língua de Sinais no currículo de escolas para surdos é um indício e um começo de demonstração de respeito a sua diferença. É desejo dos surdos que as escolas, dentro de sua cultura, os preparem para o mercado de trabalho e meio social, e que trabalhem e desenvolvam em aula fatos culturais próprios dos surdos, tendo por base a Língua de Sinais (HESSEL, 2005, p. 12).

A educação bilíngue propõe que o ensino seja ofertado em Libras para todas as disciplinas. Já foi dito que esta língua é a primeira língua dos surdos, sua língua materna. Quanto à aquisição linguística, ela deve se dar de forma espontânea na interação com pessoas surdas maiores usuárias deste código linguístico. Os surdos adultos dominantes de Libras são percebidos como detentores dos valores culturais surdos, efetivos agentes de construção linguística, identitária e cultural.

Esses elementos referendam atualmente o campo de estudos chamado de Estudos Surdos, balizados pela noção de diferença e não de diversidade, questionando as proposições políticas de inclusão no Brasil que engessam o olhar sobre os surdos, na mesma perspectiva em que veem todos os sujeitos deficientes para os quais as proposições e normativas legais orientam as metodologias de trabalho para a educação inclusiva.

Os estudos surdos podem ser definidos por Skliar como:

Um campo de investigação e de proposições educacionais que, através de um conjunto de concepções lingüísticas, multiculturais e antropológicas, definem uma particular aproximação ao conhecimento de mundo dos surdos. Nesta definição ficam excluídas todas as referências ao universo da audiologia e das deficiências auditivas, pois elas não cumprem nenhum papel na construção das experiências educacionais, nem comunitárias, nem culturais dos surdos (SKLIAR, 1997, p. 274).

Lunardi colabora:

A interface com outras discussões, outros textos, outros autores nos permite trazer a questão da diferença para o campo da Educação Especial e lançar um novo olhar para a educação de surdos e, portanto, reinterpretar nossas narrativas e represen-

tações acerca do "ser surdo". Por exemplo, ao nos aproximar de temas sobre identidades, diferenças, é possível perceber que o "ser surdo" ultrapassa as características de uma identidade hegemônica, essencializada, construída através de alguns traços comuns, únicos e universais. Falar em identidade surda é referir-se a uma identidade constituída num processo histórico, é vê-la como algo incompleto que está sempre em construção. A possibilidade de trabalhar com as ideias de uma pedagogia para a diferença, permite-nos optar pelo caminho em que a surdez é vista como uma diferença política e uma experiência visual e, assim, pensarmos as identidades surdas a partir do conceito de diferença, e não de deficiência. Aqui implica distanciarmos do conceito de diferença como exclusão, marginalização daqueles considerados como "outros" aqueles que parecem estar "fora do lugar". No entanto, devemos considerar que a diferença vem sendo interpretada historicamente, através do discurso da diversidade, da variedade e também da deficiência (LUNARDI, 2005, p. 40).

Os Estudos Surdos é o campo de estudos acadêmicos que busca conhecer e investigar o universo surdo, defendendo sua cultura. Tal perspectiva endossa a participação de pessoas surdas no contexto escolar. Nesta perceptiva, a escola para surdos é proposta sob a égide filosófica e metodológica voltada à cultura surda.

Figura 21 - Ilustração em sala de aula todos sinalizando e uma pessoa no papel do professor sinalizando.



Fonte: NTE/UFMS.

Segundo esta abordagem educacional, todos na escola (funcionários, administradores e principalmente a família dos surdos) têm papel fundamental para o desenvolvimento dos alunos surdos. Toda a estrutura escolar fica, assim, comprometida com a **educação bilíngue**.



SAIBA MAIS: Para ler sobre bilinguismo, consulte o capítulo 2 da obra: GOLDFELD, Marcia. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

Conforme Quadros:

As diferentes formas de proporcionar uma educação bilíngue a uma criança em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas. Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares (QUADROS, 2006, p. 18).

Botelho, acerca do ensino na Libras na escola, colabora:


Existe como disciplina curricular nos vários níveis escolares. Os surdos aprendem também sobre a língua de sinais de outros países, sobre a organização de surdos, sobre a Cultura Surda e outros temas de importância (BOTELHO, 2002, p. 112).


Nesta perceptiva, a escola deverá pensar em modelos pedagógicos que contemplem essa realidade. Segundo Skliar (1998, p. 53), a escola deve oferecer condições de acesso à língua de sinais e à segunda língua, à identidade pessoal e social, à informação significativa, ao mundo do trabalho e à cultura surda, promovendo a acessibilidade necessária aos surdos.

Na perceptiva da educação bilíngue, a língua escrita, no caso do Brasil deverá ser a Língua Portuguesa, a qual deverá ser ensinada como segunda língua a seguindo um caminho metodológico específico neste tema. Atualmente, no Brasil, há o consenso de que esta é a metodologia que mais contempla a cultura surda no campo da educação dos surdos.

Apontamos outro aspecto relevante com relação à qualidade da educação das pessoas surdas, o **Intérprete de Libras**.

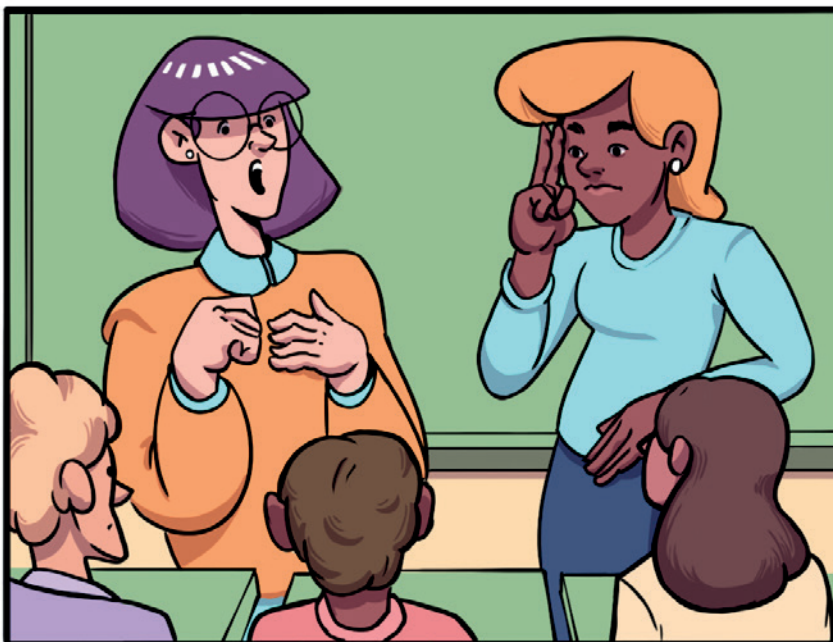
Os primeiros intérpretes de Libras surgiram a partir da necessidade de comunicação entre um ouvinte e um surdo, relação essa decorrente tanto de laços familiares como da convivência social com amigos da escola, das relações com colegas de trabalho, do convívio na igreja ou ainda de outras trocas interpessoais que os surdos porventura conseguiam ter em suas escassas experiências comunicativas em Libras. Até a década de 80, não se tem muitos registros sobre a profissão de intérprete de Libras no Brasil (CASARIN, 2004, p. 53).

 **INTERATIVIDADE:** Para saber sobre o trabalho dos interpretes na UFSM acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=jw2u8qMrQZ4>

 **SAIBA MAIS:** Para saber mais sobre o intérprete de LIBRAS, leia os artigos: O intérprete da LIBRAS - um olhar sobre a prática profissional, de Ricardo Sander (nos ANAIS do Seminário Surdez: desafios para o próximo milênio, RJ: INES, 2000).

A profissão de intérprete teve seu reconhecimento acompanhado do reconhecimento da Libras no Brasil. A Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e mais recentemente o Decreto n. 5.626/05, que regulamenta as Leis n. 10.098/94 e n. 10.436/02. Podemos destacar ainda que, em 2002, a Lei n. 10.436, reconheceu a Libras, conferindo a ela o status de língua oficial brasileira.

Figura 22 - Imagem de um intérprete de Libras atuando em sala de aula.



Fonte: NTE/UFSM.

ATIVIDADE – UNIDADE 1

Com base na leitura da Unidade 1, **ASPECTOS FILOSÓFICOS, SOCIAIS, EDUCACIONAIS E CULTURAIS ACERCA DAS PESSOAS SURDAS**, elabore uma resenha de até 30 linhas sistematizando a contribuição da educação bilíngue para os alunos(as) surdos(as). O material deverá ser disponibilizado no ambiente Moodle conforme orientação do professor.



A LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS – LIBRAS

INTRODUÇÃO

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais por serem da modalidade gestual-visual. Muitas pesquisas evidenciaram, no século XX, a língua de sinais como o meio efetivo de comunicação entre os surdos, possibilitando-lhes desenvolver-se linguístico-cognitivamente e construir uma marca indelével no que se refere à construção de identidade surda.

No Brasil, a Língua de Sinais é denominada Língua Brasileira de Sinais – Libras. A Libras teve seu reconhecimento como língua Oficial do Brasil em 2012 pela Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, como meio de comunicação e expressão das comunidades de surdos do Brasil. O status de reconhecimento como meio legal de comunicação e expressão a tornou componente curricular nas escolas e em alguns Cursos Universitários e Cursos de Formação de intérpretes.

Os estudos sobre a linguagem humana são registrados desde os primórdios da civilização, pesquisas no campo da Psicologia e da Linguística evidenciam que à linguagem humana está conferida um papel fundamental de inserção, pertencimento e desenvolvimento de identidade, sociabilidade e habilidades cognitivas. Ao nos propormos a estudar, descrever e analisar a linguagem humana, adentramos numa complexidade de estudos que se configuram a partir da filosofia, das artes, da ciência, da história e outros campos do saber.

Considerando esta realidade, elucidaremos nesta unidade alguns aspectos fundamentais como: a linguagem humana, a Língua, o histórico da Libras no Brasil e a aquisição da linguagem pela criança surda.

2.1

A AQUISIÇÃO DA LIBRAS

2.1.1 Linguagem e Língua como elementos culturais

Linguagem e sociedade estão intrinsecamente ligados entre si. A linguagem é vista como um dos maiores instrumentos de interação social. A língua possibilita esta organização social e estabelece um código organizado para que a comunicação humana se efetive.

Figura 23 - A linguagem como elemento mediador.



Fonte: NTE/UFMS.

Neste sentido, Karnopp escreve:

A linguística é o estudo científico das línguas naturais e humanas e as pesquisas realizadas nesta área incluem tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais. (...) essa é a área que se preocupa com natureza da linguagem e de comunicação humana, procurando desvendar a complexidade das línguas e as diferentes formas de comunicação. A linguística busca resposta para problemas relacionados à linguagem, tais como: Qual a natureza da linguagem humana? Como a comunicação se constitui? Quais os princípios que determinam a habilidade dos seres humanos em produzir e compreender uma língua? (KARNOPP, 2005, p. 31).

Sobre essa questão, Lunardi colabora:

O estudo da linguagem, considerado bastante complexo, pode ser realizado de múltiplos pontos de vista, ou seja, a linguagem é ao mesmo tempo individual e social, física, fisiológica, psicológica e psíquica. A linguística definida como ciência que estuda a linguagem com métodos próprios visa, como meta primordial, à construção de uma teoria geral, capaz de descrever todas as línguas (LUNARDI, 2005, p. 9).

Há complexidade que se gesta, resgata a possibilidade de um estudo sobre as diferentes representações de língua, ou seja, a possibilidade de abordar a língua humana como elemento linguístico meramente, ou ser compreendida a partir da ótica sociolinguística, ou ainda sob a perspectiva histórico cultural da língua. Nesta disciplina, não nos cabe adentrar a estes estudos, mas afirmar que as linguagens podem se manifestar de diferentes formas, orais, visuais, analógicas, digitais. Com relação às comunidades surdas, podemos estabelecer um vínculo estreito da língua como processo identitário.

Figura 24 - Os livros como patrimônio cultural linguístico.



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 25 - A música como linguagem.



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 26 - A linguagem manual



COMO?

Fonte: NTE/UFMS.

Figura 27 - O desenho como linguagem.



Fonte: NTE/UFSM.

2.2

ESTÁGIOS DA AQUISIÇÃO DA LIBRAS

Num intento maior de entender o fenômeno da comunicação humana os estudos linguísticos evidenciaram significativos contributos sobre a aquisição das línguas orais e também no que se refere às línguas sinalizadas. Esses estudos impulsionaram as pesquisas sobre como os surdos adquirem a língua de sinais e qual a contribuição desta língua para a construção do conhecimento.

Para **Stokoe** (1980), a Língua de Sinais consiste em:

Um sistema humano, culturalmente transmitido, no qual tanto os sinais visíveis como os processos de formação de palavras e frases operam sem nenhuma relação com a fala ou com sons vocais; e que é usado pelos membros de uma população surda, adquirido como primeira língua por pessoas que não podem ouvir a língua falada e por filhos de pais surdos (STOKOE, 1980, p. 365).



ATENÇÃO: William C. Stokoe Jr (1919-2000) linguista americano estudou extensivamente a American Sign Language ou ASL. Em seus estudos constatou que a ASL é uma língua com todas as características das línguas orais. Os estudos feitos por ele sobre o rendimento escolar mostraram que os alunos surdos filhos de pais surdos, apresentavam melhores desempenhos que os surdos filhos de ouvintes. Considerou-se, a partir de então, que as línguas de sinais - LS apresentem o status linguístico como qualquer outra língua.

Karnopp (2005, p. 31) afirma que descobrir as leis de uma língua, assim como as leis que dizem respeito a todas as línguas, representando as propriedades das línguas, constitui o que se chama de uma Gramática Universal (GU). Quanto ao aspecto da gramática universal,

[...] pesquisando sobre o desenvolvimento linguístico cognitivo dos surdos mostra que crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores de Libras, apresentam uma analogia com os dados analisados na ASL. Para a autora, os autores dessa teoria reconhecem a linguagem como um sistema altamente interativo, e passível de modificações, sofrendo influências de diversos aspectos como: sociais, biológicos e linguísticos. Colabora com a seguinte colocação “as estruturas de linguagem são vistas como um produto derivado das funções sócio-interacionistas da linguagem” (QUADROS, 1995, p. 56).

Os pais entram em choque quando descobrem que seu filho não ouve e, portanto, não irá falar. A língua é adquirida desde cedo pelas crianças de uma forma espontânea, natural. Ela pode se manifestar de diversas formas, sendo a oral a considerada mais importante. Mas, apesar de não falar, estudos comprovam que as crianças surdas desenvolvem a linguagem de sinais de forma natural. Quadros (2008) divide a aquisição da linguagem por crianças surdas em estágios assim apontados: período pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações, estágio das múltiplas combinações.

No Brasil, estudos sobre desenvolvimento linguístico dos surdos têm sido feitos conforme Quadros (2008), Karnopp (1994, 1999), os quais apontam fases por onde os surdos passam durante sua aquisição na língua de sinais. Os autores tecem alguns comentários sobre resultados de pesquisas já evidenciados quanto ao processo de aquisição da língua de sinais e apontando algumas constatações quanto às estratégias pertinentes as comunidades surdas. Rodrigues apud Quadros destaca:

a) Se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais (conforme vem sendo demonstrado através de pesquisas), então as línguas de sinais são línguas naturais;

b) Se as línguas de sinais são naturais, então seu aprendizado tem um período crítico (período ideal para aquisição da linguagem, após esse período a aquisição é deficiente e, dependendo do caso, impossível (Leennerberg, 1967);

c) Se as línguas de sinais têm período crítico, então as crianças surdas estão iniciando tarde seu aprendizado;

d) Se a natureza compensa parcialmente a falta de audição, argumentando a capacidade visual dos surdos (conforme pesquisas realizadas, há uma competição entre os estímulos acústicos e visuais), então está sendo ignorada a maior habilidade dos surdos quando é imposta uma língua oral, em vez da língua de sinais (RODRIGUES apud QUADROS, 2008, p. 80).

Hoje, conhecemos vários trabalhos na área pedagógica com alunos surdos que contemplam essas questões. Há no Brasil instituições em que podemos encontrar instrutores de Libras trabalhando com professores ouvintes dominantes da Libras. O currículo de algumas escolas espalhadas pelo Brasil pode mostrar que mudanças significativas estão ocorrendo na educação dos surdos, como conteúdos adequados às características dos surdos enfatizando o caráter visual de apropriação do conhecimento, cursos à família para aprendizagem da Libras, pessoas surdas dando aula em Libras nas escolas.

Todavia essas trocas comunicacionais irão constituir-se numa dificuldade quando a criança nasce em um ambiente diferente de sua língua materna. Quadros (2008) alerta para a dificuldade que as crianças surdas, filhos de pais ouvintes possuem na aquisição de sinais. Segundo ela:

As crianças surdas filhas de pais surdos têm acesso a LIBRAS porque as crianças usam a mesma língua de seus pais. Além

disso, não é somente usada com as crianças porque os pais usam para se comunicar entre eles e com seus amigos [...] Sem engano com as crianças surdas filhas de pais ouvintes a situação é completamente diferente (QUADROS, 2008, p. 80).



SAIBA MAIS: Desenvolvimento linguístico dos surdos - Leia a obra: QUADROS, Ronice Muller de. Educação de surdos. Aquisição da linguagem. Porto Alegre: 2. ed. Artes Médicas, 2008.

A descoberta de um filho surdo suscita inúmeros desdobramentos na família. Descobrir que seu filho não é ouvinte – e que, portanto, não poderá falar – gera um desconforto muito grande nos familiares. Torna-se um desafio entender um filho surdo quando toda a família é ouvinte. Há uma resignificação necessária instaurada no seio familiar, como estabelecer uma comunicação saudável para todos? Que língua usar? Falaremos sobre estes temas mais adiante.

2.2.1 Período pré-linguístico

Esse período é marcado pelo início das primeiras interações linguísticas na criança surda. Ocorre desde o nascimento da pessoa e dura quando os primeiros sinais começam a ser adquiridos. Os bebês surdos adquirindo a língua produzem gestos que são semelhantes aos sinais quanto à forma, mas não possuem significado. Esse período é caracterizado pelo balbucio manual, pelos gestos sociais e pela utilização do apontar.

Segundo Quadros:

Petitto e Marantette (1991) realizaram um estudo sobre o balbucio em bebês surdos e bebês ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até por volta dos 14 meses de idade). Elas verificaram que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, sejam eles surdos ou ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras constataram que essa capacidade inata é manifestada não só através de sons, mas também através de sinais. (...) nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. (...) Os dados apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual. Aos bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam um desenvolvimento paralelo do balbucio oral e do balbucio manual (QUADROS, 2008, p. 70).

Contribuições como esta se tornam extremamente significativas quando sabemos que tanto bebês surdos quanto ouvintes apresentam dois tipos de balbucio até um

determinado estágio e desenvolvem o balbucio de sua modalidade. A partir daí, as vocalizações nos ouvintes e as produções manuais nos surdos são interrompidas conforme o grau de input que recebem no contexto de vida de cada bebê.

2.2.2 Estágio de um Sinal

Karnopp, acerca deste estágio, afirma que:

Os primeiros sinais ou as primeiras palavras aparecem entre os 10 meses e o 1º ano de idade. Estudos mostram que as crianças inicialmente balbuciam com as mãos, depois começam a produzir enunciados com um único sinal e, em seguida, combinam sinais formando sentenças simples (KARNOPP, 2005, p. 4).

Importante mencionar que durante este estágio as crianças, que antes faziam apontações, agora param de usar deste recurso. A apontação que antes era meramente gestual (período pré-linguístico) agora apresenta um caráter linguístico, ou seja, apresenta-se como elemento da língua de sinais.

Figura 28 - Uma criança surda começando a sinalizar.



Fonte: NTE/UFMS.

2.2.3 Estágio das primeiras combinações

Este período de aquisição linguística é marcado pelo uso de um sinal e, posteriormente, de combinação de dois sinais no processo de comunicação da criança. Karnopp em sua pesquisa observou:

Ao final do período caracterizado pelos enunciados de um sinal (mais ou menos aos dois anos de idade, variando de criança para criança), aparecem os enunciados formados por dois sinais. Esses sinais apresentam algum tipo de relação semântica.

Após a fase de dois sinais, surgem enunciados com maior número de sinais que, vão se aproximando aos poucos, da linguagem do adulto. O período de maior desenvolvimento linguístico vai mais ou menos até os cinco anos, quando a criança já tem uma capacidade linguística bem próxima à do adulto (KARNOPP, 2005, p. 6).

Estudos mostram que a linguagem falada não pode ser percebida pelos infantes surdos, isto é, não pode ser lida nos lábios do interlocutor ouvinte que se expressa via língua oral. A melhor maneira de uma criança surda adquirir uma língua é estar exposta à Libras. Karnopp aborda que:

A Língua de Sinais deve ser adquirida tão cedo quanto possível, e a criança surda deve estar exposta e interagir com sinalizadores fluentes, quer sejam os pais, professores ou outras pessoas, preferencialmente surdas. Depois de adquirir os sinais, a aquisição da leitura, escrita e da fala (opcionalmente) pode se seguir (KARNOPP, 2005, p. 9).

O processo de aquisição de uma língua ocorre desde cedo, desde as primeiras interações vocalizadas sinalizadas expressadas nas pequenas cenas de seu cotidiano com seus pares, sejam eles ouvintes ou surdos. Essa é uma premissa básica no processo de aquisição linguística em qualquer lugar do mundo. Já com relação à língua de sinais, normalmente, a criança surda só entrará em contato a partir de uma pessoa surda adulta, ou com um intérprete de **Libras**, no caso do Brasil.



SAIBA MAIS: Para melhor compreender este tema, podes consultar as obras:

QUADROS, Ronice Muller de. **As Categorias vazias pronominais:** uma análise alternativa com base na língua se sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 1995.

QUADROS, Ronice Muller de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language.** Tese de Doutorado. PUCRS, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, Ronice Muller de & KARNOFF, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KARNOFF, Lodenir B. **Aquisição fonológica da Língua de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda**. Tese de Doutorado, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

2.2.4 Estágio das múltiplas combinações

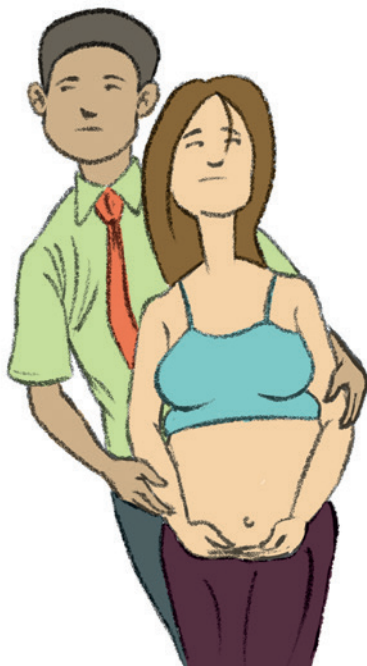
Esse período ocorre em torno dos dois anos e meio de idade até três anos de idade. Há neste momento o uso do sistema pronominal. Fazem a diferenciação entre nomes e verbos. Este período é chamado de explosão de vocabulário, porém somente por volta dos cinco anos de idade que os recursos morfológicos da língua serão dominados e usados fluentemente.

2.3

AQUISIÇÃO DA LÍNGUA POR CRIANÇAS SURDAS FILHAS DE PAIS OUVINTES

Alguns estudos estão sendo desenvolvidos para discutir esse tema e propor novos meios de tratar desta realidade. Segundo Paniagua (2004), a família de crianças com necessidades especiais passa por quatro processos até chegar à aceitação dessa condição. Primeiramente é o choque, quando os pais inconformados se sentem assustados e inseguros. Logo ocorre o sentimento de negação da situação que se encontram. Não acreditam no diagnóstico médico, procuram explicar a situação procurando não enfrentar a realidade que os cerca. Depois de um tempo percebem que precisam reagir ao fato, essa é a fase chamada de reação, que consiste na vivência complexa de um conjunto de emoções, como medo, ansiedade, culpa e tristeza.

Figura 29 - Imagem de pais pensativos sobre a condição do filho



Fonte: NTE/UFSM.

Diante deste turbilhão de acontecimentos, há o momento em que se adaptam e procuram orientar-se – esta é a quarta fase deste processo tão complexo para a família. Há um controle da ansiedade balizada por profissionais que lhes mostram que é possível enfrentar a situação sem dor e sem culpa.que precisam reagir ao fato, essa é a fase chamada de reação, que consiste na vivência complexa de um conjunto de emoções, como medo, ansiedade, culpa e tristeza.

Há famílias que optam pelo atendimento audiológico, ou seja, buscam profissionais que lhes assegurem a condição de tratamento dos restos auditivos que a criança ainda apresenta e escolhem escolas e clínicas voltadas para fazer o filho falar. Certas famílias recorrem, nesta perceptiva, ao implante coclear. A negação neste caso ainda permanece por muito tempo. Por outro lado, existem pais que buscam o esclarecimento junto às comunidades surdas. Entendem a condição do filho pelo viés da língua e da construção de mundo a partir do uso efetivo da língua de sinais.

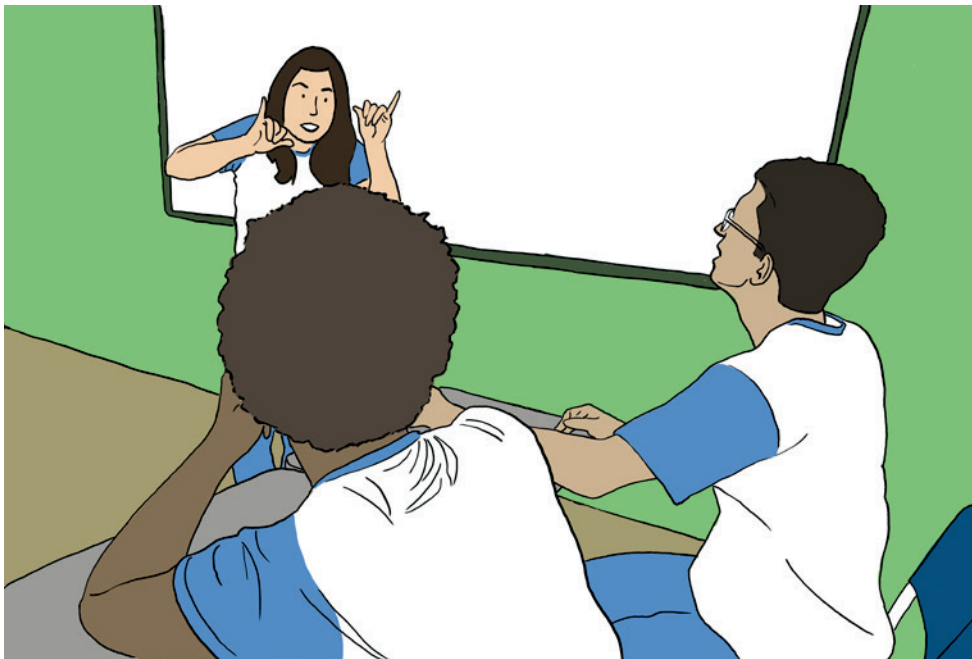
Para Strobel (2008, p. 42), o contato desde cedo com uma pessoa surda é imprescindível para a construção positiva da identidade da criança. Aprender a Língua de Sinais como língua materna é essencial para seu desenvolvimento.

Segundo Quadros:

Educação bilíngue envolve, pelo menos, duas línguas no contexto educacional. Ao optar - se em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a coexistir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar (QUADROS, 2006, p. 18).

Toda a construção de mundo das crianças surdas passa pela interação com a comunidade surda para a aquisição o mais precoce possível da Libras, derivando daí seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e sua identidade surda.

Figura 30 - Criança surda no meio de outras crianças sinalizando



Fonte: NTE/UFMS.

O que podemos afirmar, portanto? Que as crianças surdas nascidas em lares ouvintes apresentarão inúmeras dificuldades em seu desenvolvimento se a família não prover da interação que este ser requer, ou seja, o contato mais cedo possível com outras pessoas surdas.

ATIVIDADE – UNIDADE 2

Para encerrar a unidade de ensino A **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS**, participe do chat no ambiente Moodle. Em momento oportuno, o professor irá orientar quanto à abertura e desenvolvimento do chat.

3

APRENDENDO A LIBRAS

INTRODUÇÃO

É importante saber que a língua de Sinais não é uma língua universal. Ela, como qualquer outra língua falada ou sinalizada, apresenta variações instituídas pelas questões linguísticas, regionais, territoriais e culturais. No Brasil, podem ser usados diferentes sinais em cada estado e, muitas vezes, para diferentes municípios de um mesmo referente. Isso mostra o aspecto dinâmico de uma língua, a qual sofre mudanças permanentemente ao longo do tempo e do espaço que se gesta e se constrói nas relações entre seus usuários.

Nessa unidade, iremos conhecer aspectos fundamentais quando pretendemos entender a complexidade que envolve o conhecimento da Libras, tais como: o que é um sinal, aspectos relativos à estrutura linguística da libras, léxico ou vocabulário em libras, configuração de mão, ponto de articulação, movimento em libras, orientação/direcionalidade, expressão facial e/ou corporal.

Aprenderemos nessa unidade o que são classificadores e qual a sua utilização nas línguas de sinais, além disso, faremos uma discussão sobre o alfabeto manual e aprenderemos alguns sinais básicos da Libras como: objetos, calendário, família, cores, profissões, cidades, estados e países e números.

Vale lembrar que, para o domínio de uma língua, o uso efetivo, o treino e o contato com os nativos usuários desta língua consistem nos elementos decisivos para a aprendizagem significativa; portanto, procure uma associação de surdos de sua cidade e conheça a cultura surda e os modos de vida desta comunidade.

3.1

O QUE É UM SINAL

Em Língua de Sinais, um sinal representa um meio de comunicação através do qual a Língua se constitui. Os elementos que lhe constituem podem ser: configuração de mão, movimentos pertinentes para a produção do sinal e pontos de articulação do sinal.

A Língua de Sinais é uma língua gestual visual tendo sua estrutura diferenciada do português que tem por base o campo oral-auditivo. Os sinais são formados a partir a combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto do corpo ou no espaço em que esses sinais são feitos. Assim como as línguas orais a LIBRAS tem sua estrutura gramatical própria contemplando todos os requisitos para sua oficialização como língua (HESSEL, 2005, p. 9).

Figura 31 - Imagem de uma pessoa fazendo o sinal de amigo.



Fonte: NTE/UFMS.

3.2

ESTRUTURA LINGUÍSTICA DA LIBRAS

Segundo Hesssel (2005), os principais componentes da estrutura da Libras são: Configuração de mão; Movimento; Ponto de articulação; e os secundário são: disposição das mãos, orientação das mãos e a região de contato.

3.3

LÉXICO OU VOCABULÁRIO DE LIBRAS

O vocabulário em Libras é composto por léxico não nativo e por classificadores. Hessel esclarece:

Na LIBRAS existem palavras que são soletradas manualmente, forma que pode ser comparada a um empréstimo da língua portuguesa, ou seja, um empréstimo linguístico. Estas são consideradas léxico-não nativo. O léxico nativo corresponde aos sinais que utilizam classificadores (HESSEL, 2015, p. 10).

Figura 32 - Imagem de uma pessoa fazendo o sinal de castigar.



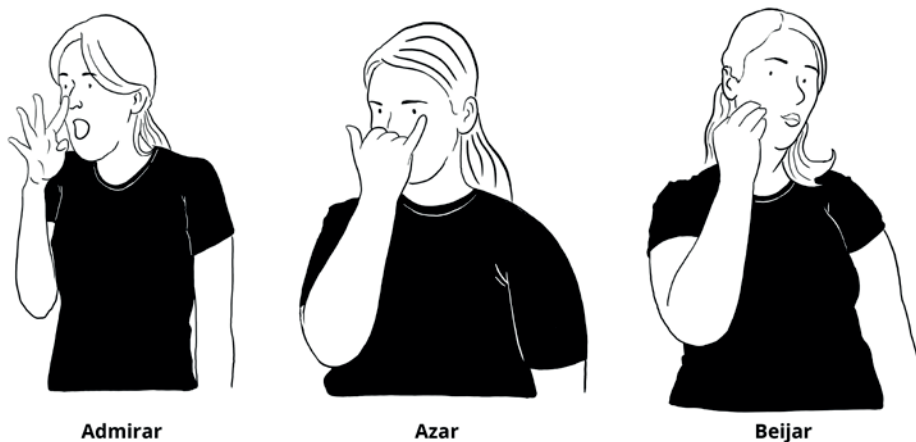
Fonte: NTE/UFSM.

3.4

PONTO DE ARTICULAÇÃO

O ponto e articulação refere-se ao local em que se efetiva o sinal no corpo do comunicador.

Figura 33 - Imagem de uma pessoa fazendo o sinal de admirar, azar e beijar.



Fonte: NTE/UFMS.

3.5

MOVIMENTO EM LIBRAS

Segundo Hessel:

O movimento em Libras representa o deslocamento de uma ou de ambas as mãos no espaço, durante a realização do sinal, abrangendo também o pulso e o antebraço. O movimento pode demarcar o sinal, devido a sua frequência marcada ou não por repetições, pela direção e diversos tipos de maneiras, como de ligação e separada, por exemplo na concretização do sinal (HESSEL, 2015, p. 15).

Figura 34 - Imagem de uma pessoa fazendo o sinal de admirar, azar e beijar.



Fonte: NTE /UFSM.

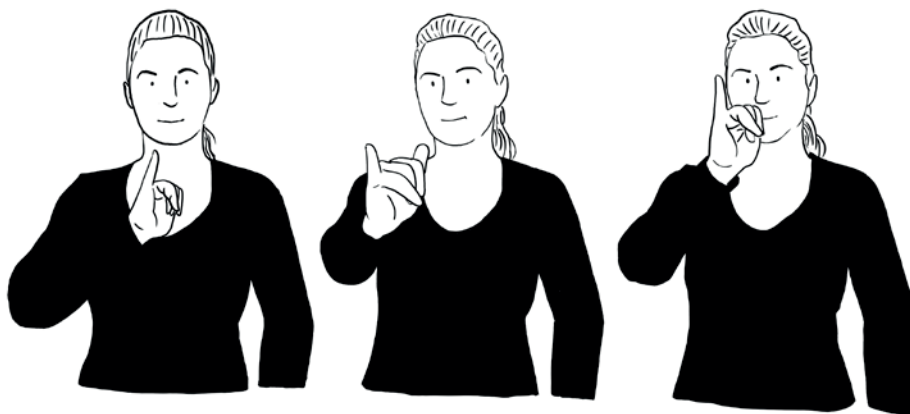
3.6

ORIENTAÇÃO/DIRECIONALIDADE

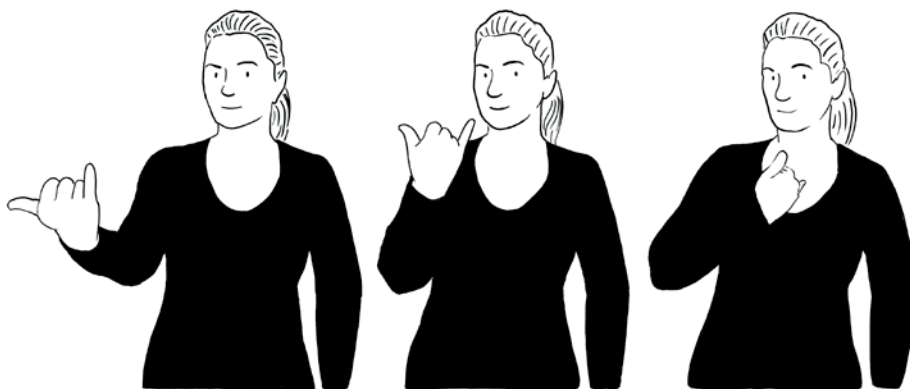
Para Hessel:

Refere-se à direção tomada pela ,mão na realização de um sinal. Pode-se direcionar a palma da mão para cima, para baixo, para dentro, para fora, para direita, para esquerda, na diagonal. Os sinais possuem uma direção, e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância, número pessoal, como os sinais AVISAR ou ME AVISAR, GOSTAR E NÃO GOSTAR. Mas não são todos os sinais que tem direcionalidade há alguns que não possuem (HESSSEL, 2005, p. 16).

Figura 35 - Imagem de uma pessoa fazendo o sinal de avisar e me avisar.



AVISAR



ME AVISAR

Fonte: NTE/UFSM.

3.7

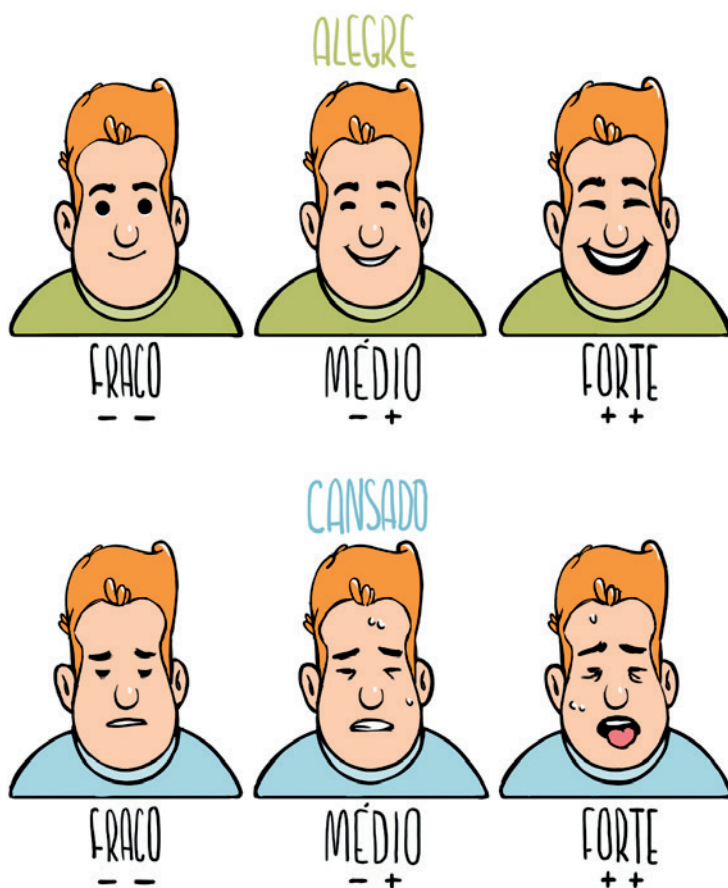
EXPRESSÃO FACIAL E/OU CORPORAL

As expressões faciais e corporais são contributos determinantes para uma boa comunicação e entendimento do diálogo em Libras.

Hessel quanto ao tema colabora:

Tanto a expressão facial, quanto o movimento realizado pelo corpo, podem ser considerados elementos não-manuais. Ou seja, além dos parâmetros principais e secundários, os não-manuais participariam também da língua, Tendo por objetivo e diferenciação se significados e à marcação na construção sintática da língua. Assim como os ouvintes uma a voz com tonalidades (quando bravo ou bravo fraco), os surdos usam a expressão facial. Observe a imagem (HESSEL, 2005, p. 13).

Figura 36 - Alegre e Cansado



Fonte: NTE/UFSM.

3.8

CLASSIFICADORES

Os classificadores em Libras são usados no caso de não se conhecer o sinal próprio de determinada palavra. Os classificadores são usados em algumas cidades onde não existem escolas e associações de surdos. Então os surdos se comunicam através de “mímica” ou “gestos”, sendo que alguns são parecidos com classificadores.



INTERATIVIDADE: Para aprender sobre classificadores e expressões faciais, acesse o Programa 7 do LIBRAS TRI: <https://www.youtube.com/watch?v=ft8B7uaxWfg>

HEHessel e Lima (2006) sugerem pensar em diferentes rostos e flores. Acesse: <http://coral.ufsm.br/edu.especial.pos/images/libras.pdf>



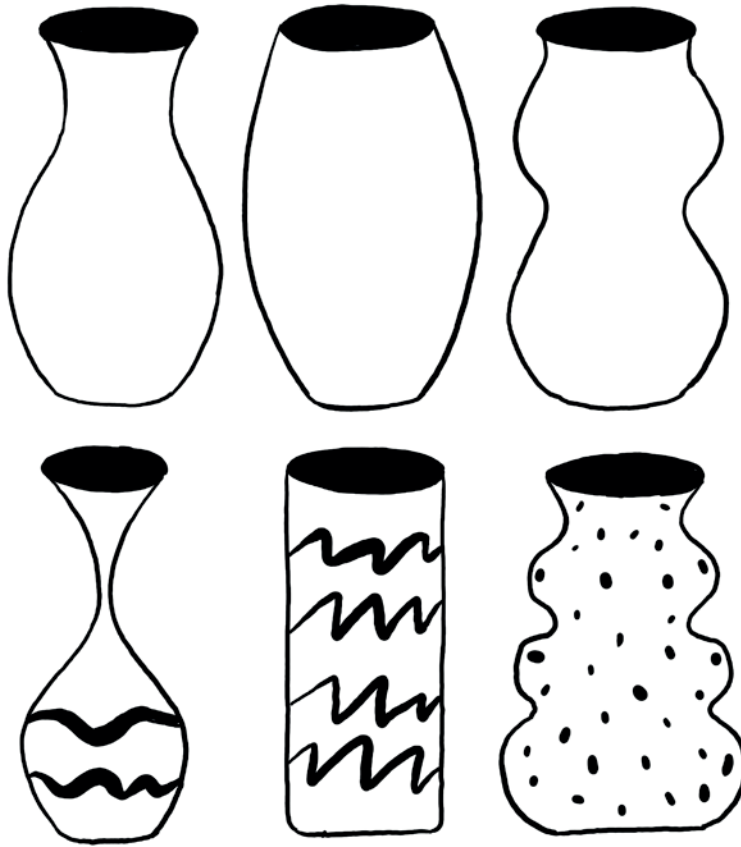
SAIBA MAIS: para toda esta unidade sugerimos que o acadêmico possa pesquisar nos dicionários:
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. MAURICIO, A. C.L.
Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Língua de Sinais Brasileira. 3 ed. São Paulo, 2013.

Dicionário da Língua de Sinais da Federação Nacional de Educação de Surdos – FENEIS. Porto Alegre RS. 2002.

Quanto à definição, podemos dizer que os classificadores em língua de sinais correspondem a uma representação da Libras que mostra claramente detalhes específicos, permitindo a descrição de pessoas, animais e objetos, bem como sua movimentação ou localização.

Por exemplo: Vamos estudar o uso do sinal de vaso. Questione-lhes: Todas as xícaras são iguais? Claro que não, elas variam em muitos aspectos. É necessário, portanto, fazermos uma descrição de sua representação visual, no que se refere ao seu volume, ao seu tamanho e à sua textura. Além disso, podemos descrever o que existe no interior do vaso: se há água, chá, café, por exemplo. Observe a imagem que procura representar o conceito tratado acima. Vamos pensar nos classificadores das imagens abaixo?

Figura 37 - Representação dos Classificadores e de suas Diferentes Formas.



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 38 - Imagem de diferentes ônibus.



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 39 - Imagem de diferentes botas.



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 40 - Imagem de diferentes árvores.



Fonte: NTE/UFMS.

3.9

ALGUNS SINAIS BÁSICOS DA LIBRAS

3.9.1 Alfabeto manual

Como já estudamos na unidade 1 desta disciplina, o alfabeto manual, na época chamado de alfabeto datilológico, surgiu em Paris, no Instituto Nacional de Surdo-Mudos, quando os alunos surdos ali internos criaram um sistema de comunicação comum entre os pares surdos.

Os alfabetos Manuais variam de país para país, sofrendo também inúmeras variações ao longo dos anos.

Hessel e Lima colaboram:

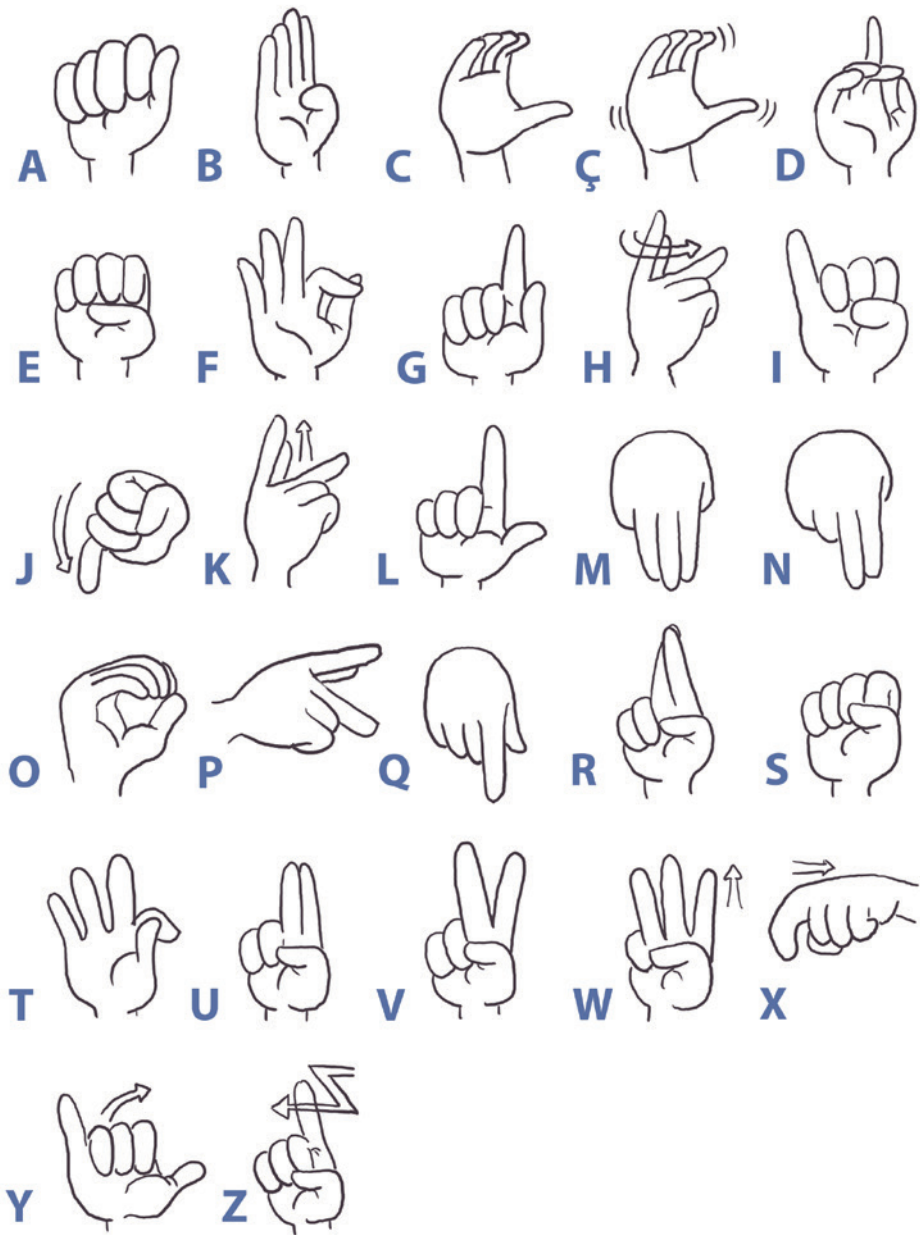
No Brasil, o alfabeto manual foi sendo modificado a cada ano. Existem alguns países que possuem um alfabeto manual diferente do existente no país, o qual foi influenciado pela Langue des Signes Française (LSF) e pela American Sign Language (ASL). Outros sinais utilizados no Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, receberam influência de países da fronteira, como Uruguai e Argentina. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) American Sign Language (ASL) Langue des Signes Française (LSF) British Sign Language (BSL) (HESSEL; LIMA, 2006, p. 35).

Sabemos que a Libras não é universal, pois apresenta nuances regionais para cada Estado e, muitas vezes, para cada cidade. Essas diferenças regionalistas são fruto da interação dos surdos, o que não é visto como prejudicial, ao contrário, a interação linguística e cultural favorece a manutenção e a transmissão da cultura surda. Observe a seguir a representação gráfica dos sinais do **alfabeto manual**.



INTERATIVIDADE: Pesquise sobre o alfabeto manual em diferentes países no link: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo19.pdf>

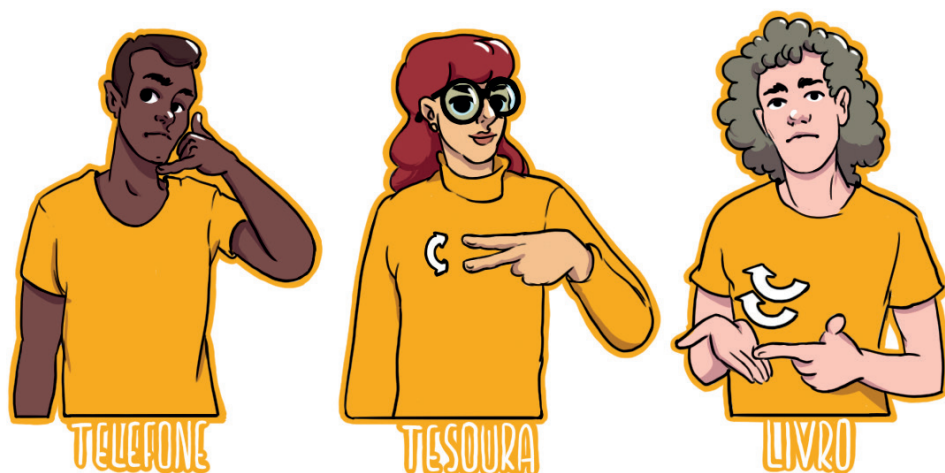
Figura 41 - Representação gráfica dos sinais do alfabeto manual



Fonte: NTE/UFMS.

3.9.2 Objetos

Figura 42 - Representação gráfica dos sinais de telefone, tesoura e livro.



Fonte: NTE/UFMS.

3.9.3 Verbos


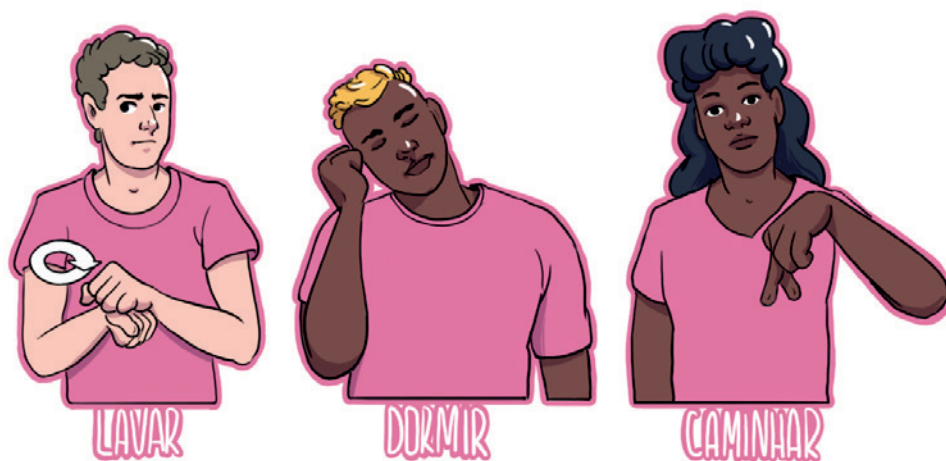
 **INTERATIVIDADE:** Conheça alguns sinais de verbos usados na Libras e assista ao Programa 3 do LIBRAS TRI, sobre cultura surda. Acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=Ksv2MAyLwRE>

Figura 43 - Representação gráfica dos sinais de lavar, dormir e caminhar.



Fonte: NTE/UFMS.

3.9.4 Calendário



INTERATIVIDADE: Para ver mais sobre calendário em Libras acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=6wL7fuDPLMo>

Figura 44 - Imagem de um mês de 30 dias

Abril						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				


Fonte: NTE/UFMS.

3.9.5 Família

Figura 45 - Imagem de uma família.



Fonte: NTE/UFMS.

 INTERATIVIDADE: Para aprender sobre Família e acompanhar a aula acesse o Programa 5 do LIBRAS TRI: http://www.youtube.com/watch?v=Rp_5_0wK60s

3.9.6 Cores


 INTERATIVIDADE: Para aprender sobre Cores e acompanhar a aula acesse o Programa 6 do LIBRAS TRI: <http://www.youtube.com/watch?v=M7bMwCHi7Aw>

Figura 46 - Imagem de objetos do dia a dia.



Fonte: NTE/UFSM.

3.9.7 Profissões


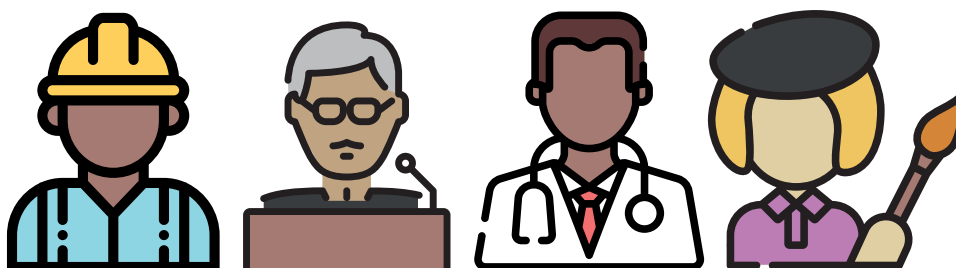
 INTERATIVIDADE: Para aprender sobre PROFISSÕES e acompanhar a aula acesse o Programa 8 do LIBRAS TRI: <http://www.youtube.com/watch?v=g0mgUjMRapo>

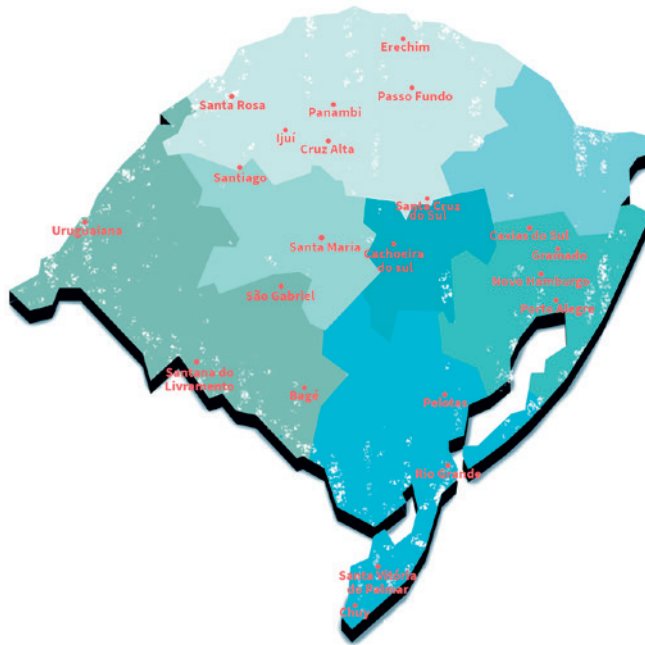
Figura 47 - Figura de diferentes profissões.



Fonte: NTE/UFSM.

3.9.8 Cidades do Rio Grande do Sul

Figura 48 - Mapa do Rio Grande do Sul.



Fonte: NTE/UFSM.

3.9.9 Estados Brasileiros

Figura 49 - Mapa do Brasil.



Fonte: NTE/UFSM.

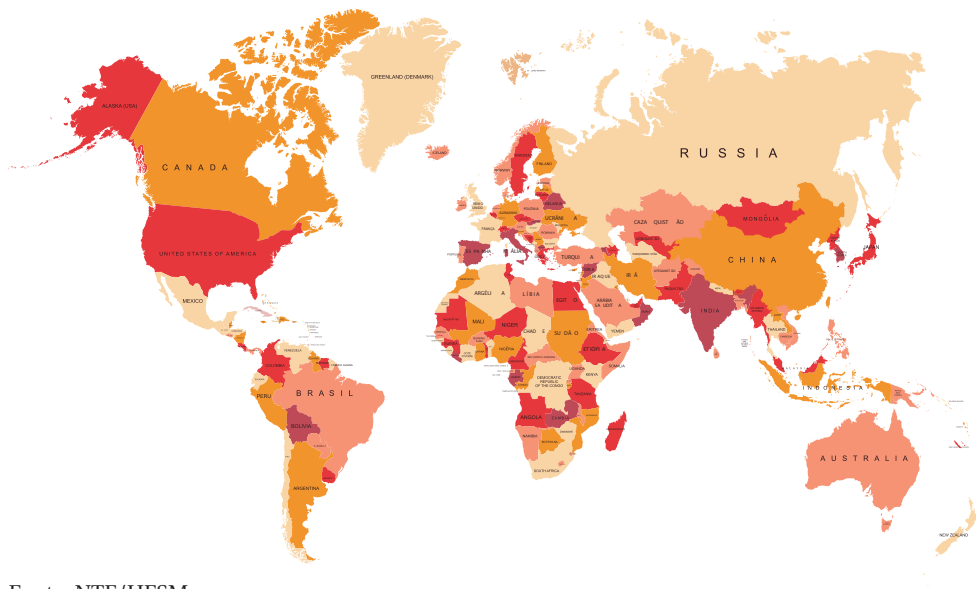
3.9.10 Países



INTERATIVIDADE: Vamos aprender nesta aula importantes sinais, que nos auxiliarão muito na comunicação com as pessoas surdas. Acesse o Programa 9 do LIBRAS TRI e fique ligado.

<http://www.youtube.com/watch?v=KNQbZdYFgms>

Figura 50 - Mapa Mundi.



Fonte: NTE/UFMS.

3.9.11 Números



INTERATIVIDADE: Para aprender sobre NÚMEROS e acompanhar a aula acesse o Programa 1 do LIBRAS TRI:

<http://www.youtube.com/watch?v=Zuv2rDLXAfo>

Figura 51 - Números.



Fonte: NTE/UFMS.

ATIVIDADE – UNIDADE 3

Com base na leitura da unidade 3, **APRENDIZAGEM DA LIBRAS PELO ACADÊMICO**, bem como de pesquisas realizadas na internet, apresente um vídeo em que você sinaliza um sinal de cada categoria da Libras trabalhada pela professora nesta unidade de ensino. Os vídeos deverão ser publicados no ambiente Moodle. O professor irá orientar quanto ao envio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, destacamos a importância da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como elemento fundante da Cultura Surda. Além disso, podemos afirmar que esta é uma área do conhecimento no campo da educação dos surdos que nos proporciona compreender os inúmeros desdobramentos linguísticos e culturais que compreendem as comunidades surdas.

Na primeira unidade, procuramos mostrar os diversos aspectos, tais como sociais, culturais e educacionais que atualmente nos confirmam e nos autorizam a dizer que os surdos são pessoas politicamente diferentes e não apenas um conjunto a mais de pessoas deficientes. Essas novas representações alteraram a forma de olhar e educar as pessoas surdas no mundo todo. Essa nova racionalidade frente às comunidades surdas, no último século, compreende que os surdos têm uma cultura, entendida aqui não como algo único, estável, mas plural, de representação de diferença.

Enfocamos o surgimento da escola dos surdos no mundo e no Brasil, enfatizando aspectos educacionais coerentes com esta comunidade. Na segunda unidade, vocês encontraram elementos importantes sobre o desenvolvimento da linguagem humana. No contexto da Libras, apontamos sua estrutura linguística e demos ênfase no processo de desenvolvimento da criança surda no que se refere à aquisição da Libras desde cedo e o papel da família diante deste desafio.

Na terceira e última unidade, apresentamos alguns sinais da Libras e procuramos de forma sistematizada ensinar sinais básicos que compõem o universo lexical desta língua.

As unidades de estudo sugeridas neste caderno didático não têm por objetivo esgotar o conhecimento sobre a Libras no mundo nem no Brasil. Por isso, é importante que você amplie seus conhecimentos consultando materiais de apoio em livros, apostilas, filmes e vídeos. Afinal, a aprendizagem sobre este tema está apenas começando.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 11 jan. 2019.

_____. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 11 jan. 2019.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DORZIAT, A. **Metodologias específicas ao ensino de surdos: análise crítica**. Disponível em: www.ines.org.br/ines_livros/13/13_PRINCIPAL.HTM. Acesso em: 23 nov. 2005.

FREITAS, S. **Representações e Paradigmas em Educação Especial**. Curso de Especialização à Distância em Educação Especial: déficit cognitivo e educação de surdos: módulo I / [Ana Cláudia Pavão Siluk ... [et al.]]. Santa Maria: UFSM, CE, Curso de Especialização à Distância em Educação Especial, 2008.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

HESSEL, C. da S.; LIMA, J. C. de. **Caderno Didático Libras I**. Curso de Especialização em Educação Especial a Distância - Déficit Cognitivo e Educação de Surdos. Universidade Federal de Santa Maria. 2005. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/edu.especial.pos/images/libras.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

_____. **Caderno Didático Libras II**. Curso de Especialização em Educação Especial a Distância- Déficit Cognitivo e Educação de Surdos. Universidade Federal de Santa Maria. 2005.

_____. **Caderno Didático Libras III**. Curso de Especialização em Educação Especial a Distância- Déficit Cognitivo e Educação de Surdos. Universidade Federal de Santa Maria. 2006.

_____. **Caderno Didático Libras IV**. Curso de Especialização em Educação Especial a Distância- Déficit Cognitivo e Educação de Surdos. Universidade Federal de Santa Maria. 2006.

_____; MIRANDA, W. **Surdos**: o narrar e a política. Estudos Surdos - Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos, n. 5, Florianópolis, 2003.

QUADROS, R. M. **As Categorias vazias pronominais**: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição. Dissertação (Mestrado) – PUCRS, Porto Alegre, 1995.

_____. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese (Doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 1999.

_____; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANDER, R. O intérprete da LIBRAS: um olhar sobre a prática profissional. In: LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. **Surdez, processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: HALL, S.; SILVA, T. T.; WOODWARD, H. (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

STOKOE, W. C. **Estrutura de linguagem de sinais**. Traduzido por Maria Alzira Nobre. Revista anual da Antropologia, v. 9, 1980.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SKLIAR, C. **La educación de los sordos**: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendoza: Ediunc, 1997.

_____. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados na normalidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n 2, p.15-32, jul./dez.1999.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1996.

SITES CONSULTADOS

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Disponível em: <www.feneis.orgcom.br>. Acesso em: 19 set. 2018.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em: <www.ines.gov.br> Acesso em: 30 ago. 2018.

JUNIOR, J. oel Barbosa. 36 Alfabetos Datilológicos do Mundo. São Paulo, 2006. Disponível em <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo19.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2018.

LIBRAS TRI – PROGRAMA 2– Bloco 1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jw2u8qMrQZ4>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LIBRAS TRI – PROGRAMA 7. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ft8B7uaxWfg>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 1. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=Zuv2rDLXAfo>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 1. Disponível em <<http://librasjoaquim.blogspot.com/2016/03/libras-tri-programa-1.html>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 3. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=Ksv2MAyLwRE>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 4. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=6wL7fuDPLMo>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 5 . Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Rp_5_owK6os>. Acesso em: 20 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 6 . Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=M7bMwCHi7Aw>>. Acesso 21 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 8. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=gomgUjMRApo>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

LIBRAS TRI- PROGRAMA 9 . Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=KNQbZdYFgms>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

SIGN WRITING. Disponível em: <www.signwriting.org>. Acesso em: 13 jun. 2018.

APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES

A professora Melânia de Melo Casarin é formada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (1989), possui Mestrado em Educação pela mesma Universidade (1997) e Doutorado em Educação na linha de pesquisa Informática na Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). É professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria.

Desenvolve pesquisas na educação dos surdos, coordenou o Curso de Especialização em Educação Especial a Distância - Déficit Cognitivo e Educação de Surdos. Lançou o livro *A Lenda da Erva-Mate* (2006), e a Coleção *Mamíferos Brasileiros em Extinção* (Editora UFSM, 2017), ambas as produções com versão em Libras. Atualmente desenvolve pesquisas sobre a língua de sinais em Cabo Verde (África), sobre a qual está lançando um dicionário bilíngue. Recentemente criou o site do *Projeto Mãos Livres*, no qual publica diversos artefatos em Libras que produz no projeto de mesmo nome, todos voltados para as comunidades surdas brasileiras.